

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LIBRAS – LSB/CCE
CURSO BACHARELADO EM LETRAS LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Danielle Crescencio Neves

**TRADUÇÃO COMENTADA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DO VERBETE
REFÚGIO/REFUGIADO (A) DO DICIONÁRIO CRÍTICO DE MIGRAÇÕES
INTERNACIONAIS**

Florianópolis

2020

Danielle Crescencio Neves

**TRADUÇÃO COMENTADA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DO VERBETE SOBRE
REFÚGIO/REFUGIADO (A) DO DICIONÁRIO CRÍTICO DE MIGRAÇÕES
INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação Bacharelado em Letras Libras
do Centro de Comunicação e Expressão
da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Letras-Libras
Orientador: Prof. Dra. Silvana Aguiar dos
Santos

Florianópolis, 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor^A através do programa de geração automática da biblioteca universitária da UFSC

Crescencio Neves, Danielle

TRADUÇÃO COMENTADA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DO VERBETE SOBRE REFÚGIO/REFUGIADO (A) DO DICIONÁRIO CRÍTICO DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS / Danielle Crescencio Neves ; orientadora, Silvana Aguiar dos Santos , 2020.

76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Estudos da Tradução. 3. Tradução Comentada. 4. Verbetes-Refugiados. 5. Português-Libras. I. , Silvana Aguiar dos Santos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras LIBRAS. III. Título.

Danielle Crescencio Neves

**UMA TRADUÇÃO COMENTADA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DO VERBETE
SOBRE REFÚGIO/REFUGIADO DO DICIONÁRIO CRÍTICO DE MIGRAÇÕES
INTERNACIONAIS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do
Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras
Língua Brasileira de Sinais Brasileira

Florianópolis, 23 de novembro de 2020.

Prof. Dr^a Débora Campos Wanderley
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Silvana Aguiar dos Santos, Dra.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Aline Nunes Sousa, Dra.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Ringo Bez de Jesus, Me.
Avaliador
Universidade Federal do Paraná

Este trabalho é dedicado à minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe. Ela é a primeira pessoa que me vem à cabeça quando penso em “agradecimentos”, pois não existe outra pessoa que fique em primeiro lugar na minha vida. Grande mulher, a que criou duas filhas sozinha e fez de tudo para nos proporcionar um futuro de oportunidades, uma grande inspiração para mim e minha irmã. Mãe, obrigada por tudo que você já fez por mim e por estar sempre ao meu lado.

À minha irmã, muito obrigada. O que falar da Bruna? Bruna, não! Maninha. Ela que, além de irmã, sempre foi uma segunda mãe, pois cuidou e me ajudou em tudo na vida. Sempre foi nós três e sempre será assim, independente da distância ou tempo. Sou muito grata por todo aprendizado e por sempre me apoiar em todas as escolhas que fiz. Assim como a nossa mãe, você me inspira a buscar o melhor em tudo na vida.

Ao meu afilhado Ivan, muita gratidão. Foi ele quem me proporcionou tanta alegria no meio de tudo que aconteceu neste ano, um ser que encanta a todos ao seu redor e que faz eu me sentir muito abençoada por ter por perto um amor assim tão verdadeiro.

Juliano, meu amor, obrigada por todo apoio. Agradeço por estar sempre ao meu lado, me incentivando, acreditando e me animando em momentos que nem eu mesma acreditava mais que iria conseguir. Como todos ao meu redor, você foi essencial para que eu conseguisse enfrentar todos os meus obstáculos, trazendo todo conforto em cada palavra. No ano de 2020, tive muitos desafios para enfrentar e você me escutou nos momentos de angústias, me acalmou quando estava prestes a explodir e conversou comigo quando mais precisava. É muito importante ter alguém assim, que não te deixa desistir em nenhuma hipótese. Você foi o meu equilíbrio nos últimos anos e sempre será.

Pai, gostaria muito de te agradecer por todo apoio neste ano. Você faz parte dessa jornada também e, mesmo distante, se mostrou sempre presente e demonstrando todo apoio sempre que foi necessário, obrigada por tudo.

Também um agradecimento especial aos meus amigos que me acompanharam, em especial, ao Marcos Luchi e Francine. Meu querido amigo Marcos foi uma das primeiras pessoas a me apresentar a língua de sinais, foi meu

professor, colega de quarto e meu parceiro em tantos momentos nos últimos anos. Marcos, obrigada por todo aprendizado durante todos esses anos e por essa amizade que temos. Minha amiga Francine, que tive oportunidade de conhecer durante o curso, também foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Francine, muito obrigada por ser uma amiga tão presente e mesmo depois de formada, continuar me apoiando em tudo. Você é uma das pessoas que fez acontecer o meu último semestre. Também àqueles que se tornaram mais que colegas, amigos que o curso me deu de presente, ao Anderson, Jefferson, Marília, Ana Gabriela e Larissa, tenho muito que agradecer por toda parceria durante todos esses anos. Vocês foram essenciais e fico muito feliz de ter tido a oportunidade de chegar até aqui com vocês.

Ao professor Saulo, obrigada pela sua disponibilidade e dedicação na revisão da minha tradução. Sem dúvidas, você contribuiu muito para a minha pesquisa e ratificou a importância do “olhar surdo” em nossos trabalhos de tradução.

À minha querida orientadora, muito obrigada. Professora Silvana, sem nenhuma dúvida, você possui um papel fundamental no encerramento desse ciclo. Iniciamos o ano de uma forma e, inesperadamente, estamos concluindo de outra. No meio do caminho, acreditei que não conseguiria finalizar o meu trabalho de conclusão de curso, mas você se mostrou sempre disposta a me ajudar a seguir em frente. Você foi a minha melhor escolha, pois tê-la como orientadora foi essencial diante do novo cenário educacional que estamos vivendo, pois além de me proporcionar muitos aprendizados em cada encontro não presencial, sempre me motivou e mostrou que eu seria capaz, mesmo quando eu não mais acreditava. Sou muito grata por tudo, por ter a oportunidade de estar mais próxima e conhecer ainda mais a profissional e pessoa maravilhosa que você é.

Agradeço aos membros da banca, Aline Sousa e Ringo Bez. Professora Aline, muito obrigada por participar deste momento tão importante para mim. Você é uma professora maravilhosa, uma pessoa incrível, com quem eu tive a oportunidade de aprender muito. Certamente, suas contribuições foram fundamentais para o meu trabalho. Ringo, estou muito grata por tê-lo em minha defesa. Você é uma grande referência de profissional da área, um tradutor-intérprete e pesquisador que tem se dedicado à interpretação comunitária e que

teve um olhar atento às discussões trazidas em minha pesquisa. Muito obrigada. Por último, não poderia deixar de agradecer à Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC. Estudar nessa instituição sempre foi um sonho e que se concretizou através do meu ingresso no curso de Letras Libras. Todos os momentos vividos, nos últimos quatro anos, foram muito especiais, o que tornou ainda mais difícil o ano de 2020, por não estar na cidade e no lugar que eu tanto amo. Agradeço aos professores maravilhosos que tive em minha formação por todos os ensinamentos compartilhados. Muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo realizar uma tradução comentada do verbete Refúgio/Refugiado, de autoria de Andrés Ramirez e Thais Guedes Alcoforado de Moraes, do Dicionário Crítico de Migrações (CAVALCANTI *et al*, 2017), publicado pela editora UnB. Por meio da tradução do referido verbete, buscou-se proporcionar acesso a informação aos surdos, permitindo que mais pessoas tenham conhecimento sobre o assunto refugiado. Para desenvolver este estudo, a base teórica pautou-se em estudos da área da tradução, e alguns dos autores utilizados foram: Rodrigues (2010), Rodrigues e Santos (2018), Barbosa (2004) e Segala (2010). Além disso, apresentou-se discussões acerca dos imigrantes e refugiados e as relações com as práticas de tradução e interpretação em língua de sinais, com base em: Vaz (2017), Araújo e Bentes (2018) e Cruz e Aleixo (2020). A metodologia, conforme Albres (2020), caracteriza-se como uma tradução comentada de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e um estudo de caso. Nessa parte do trabalho, apresentou-se detalhadamente o contexto da obra, da pesquisa, dos recursos utilizados para a realização da tradução comentada. Posteriormente, a análise de dados fundamentada no modelo de tradução proposto por Nord (2016) explorou os fatores extratextuais e intratextuais da tradução do verbete, seguida da tradução comentada. Nessa seção, podem ser observados os principais desafios encontrados no processo tradutório, com destaque para adequações lexicais em razão de vários termos técnicos, variação linguística e também aspectos sintáticos da língua. Como resultados, a pesquisa indicou a importância dos procedimentos tradutórios, além da relevância de se conhecer aspectos inerentes à língua (gramaticais) e culturais e discursivos. A partir da revisão realizada por um consultor surdo, alguns ajustes foram realizados com o intuito de alcançar da melhor forma a tradução das informações contidas no texto fonte. Além de contribuir para discussões futuras acerca da temática e dos estudos que envolvem a tradução comentada, a pesquisa disponibiliza o vídeo traduzido para ser acessado pelos surdos que desejam conhecer mais sobre essas discussões tão atuais das migrações.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Tradução Comentada. Verbetes. Refugiados. Português-Libras.

RESUMO EM LIBRAS

<https://youtu.be/tPzRBqBDuno>

ABSTRACT

The main objective of this work was to propose a commented translation of the entry *Refuge/Refugee*, authorship by Andrés Ramirez and Thais Guedes Alcoforado de Morais, from the Critical Dictionary of International Migration (CAVALCANTI et al, 2017), published by UnB Press. By means of translating the mentioned entry, we seek to provide information access to the Deaf community, enabling more people to have knowledge of this topic. To develop this study, the theoretical framework is constituted by studies from the area of translation, and some authors we have used are: Rodrigues (2010), Rodrigues & Santos (2018), Barbosa (2004) and Segala (2010); as for the discussions concerning immigrants, refugees and the relationship with sign language translation and interpreting practices, some of the authors used for the discussions were: Vaz (2017), Araújo & Bentes (2018) and Cruz & Aleixo (2020). The methodology, according to Albres (2020), is characterized as a commented translation of qualitative approach, of the descriptive type and a case study. On this step, we thoroughly presented: i) the context of the work on which the translated entry is present, ii) the research itself and iii) the resources used for producing the commented translation. Afterwards, we performed the data analysis based on Nord's (2016) translation model, on which we explored the extratextual and intratextual factors of the entry's translation, followed by the commented translation itself. On this step, the main challenges encountered on the translation process could be observed, amongst which we highlight the lexical adequations due to many technical terms, linguistic variation and also due to syntactic aspects of the language. Concerning the results, this research indicated the importance of translation procedures, and the relevance of being familiar with inherent characteristics of the language (grammatical), cultural and discursive aspects. From the revision of a Deaf consultor, we adjusted some details with the objective of better contemplating the source text information. Besides being a contribution for future discussions on this topic and for studies involving commented translation, this research provides access of the translated video for Deaf people who wish to learn more about the contemporary discussions about migration.

Keywords: Translation Studies. Commented Translation. Entry. Refugees. Portuguese-Brazilian Sign Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folder de divulgação	20
Figura 2 - Frente e verso do dicionário crítico de migrações internacionais.....	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eixos da tradução	30
Quadro 2 - Fórmula Q	35
Quadro 3 - Recomendações para uso de metodologia de tradução comentada.....	37
Quadro 4 - Termos técnicos do verbete: Refúgio/Refugiado.....	42
Quadro 5 - Sinais desconhecidos	43
Quadro 6 - Ferramentas utilizadas para pesquisar sinais.	44
Quadro 7 - Questões para o consultor surdo	46
Quadro 8 - Questões respondidas pelo consultor surdo	47
Quadro 9 - Trecho 01	53
Quadro 10 - Trecho 02	55
Quadro 11 - Trecho 03	56
Quadro 12 - Trecho 04	58
Quadro 13 - Trecho 05 "MÉXICO"	59
Quadro 14 - Trecho 06 "ÁFRICA"	60
Quadro 15 - Trecho 07 "ARTIGO"	62
Quadro 16 - Trecho 08	64
Quadro 17 - Trecho 09	65
Quadro 18 - Trecho 10	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TILSJUR – Tradutores e intérpretes de línguas de sinais na área jurídica IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados ONU - Organização das Nações Unidas

DPU - Defensoria Pública da União

PACSF - Produções de Artefatos da Cultura Surda na Fronteira UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2. IMIGRANTES, REFUGIADOS, TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	23
2.1 PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO.....	30
2.2 TRADUÇÃO COMENTADA	32
3. METODOLOGIA.....	38
3.1 BIOGRAFIA DOS AUTORES E CARACTERÍSTICAS DA OBRA PRODUZIDA.....	39
3.2 ASPECTOS RELACIONADOS AO TEXTO: CONTEXTUALIZAÇÃO E LEITURAS INICIAIS.....	41
3.3 LEVANTAMENTO TERMINOLÓGICO	42
3.4 CONSTRUÇÃO DA TRADUÇÃO	44
3.5 RECURSOS	45
3.6 PROCEDIMENTOS FINAIS.....	46
4 ANÁLISE DE DADOS.....	47
4.1 FATORES EXTRATEXTUAIS.....	48
4.2 FATORES INTRATEXTUAIS.....	50
5.2 TRADUÇÃO COMENTADA	53
5.1 ETAPA I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TEXTO TRADUZIDO. 53	
5.1.1 TERMOS TÉCNICOS (LEIS, NOMES, CIDADES...).....	53
5.2.2 VARIAÇÃO DOS SINAIS.....	59
5.2 ETAPA II – CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TEXTO TRADUZIDO.....	63
5.2.1 INVERSÃO SINTÁTICA	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	75

1 INTRODUÇÃO

Desde que ingressei no curso de Bacharelado em Letras Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina, algumas questões despertaram o meu interesse, especialmente aquelas que envolviam o acesso à informação para os surdos em diferentes contextos sociais. Atualmente, com a expansão dos cursos de Letras Libras em diferentes regiões do país, há um aumento gradativo de materiais traduzidos, mas ainda, muitos deles, são voltados para as temáticas educacionais. É possível perceber a grande falta de informação em outras áreas, como no âmbito da segurança pública, onde eu sempre tive muito interesse em contribuir.

Dessa forma, a minha motivação para a presente pesquisa se deu pela necessidade de desenvolver um trabalho que proporcionasse novos conhecimentos à comunidade surda, de forma relevante, útil e de fácil acesso. Em um primeiro momento, a ideia era trabalhar na tradução de cartilhas. Porém, as cartilhas são muito dinâmicas e estão sempre sendo renovadas. Pensei que a tradução realizada de uma dessas cartilhas pudesse não ser tão válida depois de um tempo. Mesmo acreditando que tudo é relevante quando envolve um processo de tradução, ainda assim, quando há renovação de um determinado material, a tradução também deve ser renovada e/ou atualizada.

Nos Estudos da Tradução, muitos dos materiais traduzidos são também comentados. Nesses materiais, podemos ter acesso às dificuldades e desafios enfrentados pelo tradutor durante o processo tradutório. Um exemplo de uma tradução comentada utilizando cartilha foi o artigo intitulado “ *Cartilha sobre violência doméstica – perguntas e respostas: experiências de tradução do Português para a Libras*”, publicado na Revista Espaço, do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no ano de 2019. Tal material foi escrito pelas autoras Silvana Aguiar dos Santos e Marianne Rossi Stumpf, ambas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A discussão do artigo refere-se à tradução comentada de uma cartilha publicada no ano de 2016. No ano seguinte, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina lançou outra cartilha sobre o mesmo assunto com informações diferentes e não foi publicada uma nova tradução. Esse fato ratifica a minha fala inicial sobre as cartilhas estarem em constante renovação.

A tradução exige do profissional um estudo sobre o assunto e tempo para conseguir organizar os melhores procedimentos tradutórios, a fim de desempenhar um bom resultado final. O estudo inicial de um texto fonte vai além de apenas conhecer as terminologias e compreender o processo de tradução. É preciso estudar, obviamente, suas terminologias, mas também entender sobre o que aquele determinado texto aborda e quais demandas a serem consideradas no texto fonte. Se o tradutor tem conhecimento sobre o conteúdo, ele poderá trazer para seu texto alvo o principal significado do texto e o público alvo poderá compreender melhor o assunto tratado nesse determinado material.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral realizar uma tradução comentada de um verbete sobre refúgio/refugiado do dicionário crítico de migrações, tomando como base teórica, os Estudos da Tradução. Diante desse contexto, os objetivos específicos são: analisar as decisões tomadas referentes aos procedimentos tradutórios necessários para a realização da pesquisa e discutir os desafios (linguísticos, tradutórios e estéticos) enfrentados na tradução da temática apresentada.

Para alcançar esses objetivos, além dos conhecimentos acerca da tradução propriamente dita, será importante também conhecer quem são os refugiados, os motivos que contribuíram para se deslocarem de seu país, assim como, possíveis procedimentos designados para eles quando chegam em um novo país e, ainda, compreender a diferença entre imigrantes e refugiados. O domínio dessas informações é de extrema importância e proporcionará um conhecimento inicial para desenvolver o presente trabalho.

A temática sobre imigrantes e refugiados foi abordada pelo Programa de extensão TILSJUR – Tradutores e intérpretes de línguas de sinais na área jurídica da UFSC, coordenado pela professora Silvana Aguiar dos Santos. No canal do *Youtube* do TILSJUR há alguns vídeos sobre instituições responsáveis por proteger, auxiliar refugiados e imigrantes que precisaram deslocar-se dos seus países de origem. As causas que motivam esses deslocamentos relacionam-se aos conflitos religiosos, étnico-raciais, perseguições políticas e outros. Nesse canal, diretamente em Libras, em uma série intitulada “*De olho nos Direitos Humanos*” apresenta-se as seguintes instituições: Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE e o Alto Comissariado

das Nações Unidas para os Refugiados- ACNUR.

Segundo informações contidas no site do IMDH, essa instituição sem fins lucrativos, tem como principal objetivo construir uma rede de assistência a favor do atendimento humanitário para imigrantes, refugiados e apátridas¹. Além disso, o IMDH desenvolve uma série de finalidades e ações a favor da construção de políticas públicas que visam melhorar qualidade de atendimento a esse público, contribuindo na integração, articulação e sensibilização sobre a temática da imigração e do refúgio.

Enquanto o IMDH lida com uma abrangência maior do público atendido, já que imigrantes, refugiados e apátridas constituem-se como foco principal, o CONARE organiza-se de forma específica, sendo responsável por receber os refugiados que se deslocaram de maneira forçada de seus países de origem. O CONARE analisa os pedidos das pessoas refugiadas, aprovando sua permanência ou não, a fim de que sejam reconhecidos como refugiados.

E, por último, temos a ACNUR que é parte da Organização das Nações Unidas – ONU. A ACNUR é responsável por proteger e oferecer assistência aos refugiados de todo o mundo, além de recolher dados de pesquisas sobre a quantidade de refugiados no âmbito nacional e internacional. De acordo com a Secretária Nacional de Justiça (2017), os dados registrados foram que no Brasil temos cerca de 9.552 refugiados de 82 nacionalidades e que no mundo há cerca de 68,5 milhões de refugiados. Esses dados nos fazem pensar a quantidade de pessoas que são obrigadas a fugirem ou ainda deslocarem-se de maneira forçada de seus países de origem, não podendo permanecer, já que suas vidas correm risco.

Em comum, as instituições acima mencionadas, atuam na orientação sobre os direitos dos imigrantes, refugiados e apátridas, auxiliando-os em diversas situações, desde encaminhamentos para possíveis trabalhos, organização de documentos, acesso a informações básicas até ensino da língua oficial do país, a fim de facilitar a contratação de emprego. Além dessas importantes ações desenvolvidas pelas instituições acima mencionadas, de facilitar a contratação de emprego.

¹ Apátridas: De acordo com site da ACNUR, são pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país

Além dessas importantes ações desenvolvidas pelas instituições acima mencionadas, torna-se relevante destacar a existência da Lei nº 9474/97, a qual serve para garantir direitos aos refugiados e proporcionar a essas pessoas alguma forma de reconhecimento e respaldo jurídico.

Todas essas ações contribuem para garantir melhores condições de atendimento à população migrante e refugiada, mas precisamos incluir outros direitos considerados fundamentais. O direito à tradução e a interpretação, a fim de que possam ser entendidos nos primeiros atendimentos aos órgãos públicos e demais instituições, deve ser levado em consideração e merece ser tratado como política pública. No dia 13 de novembro de 2020, um importante encontro foi promovido pelo senador Paulo Paim e reuniu as principais entidades e interlocutores sobre o assunto.

Figura 1 - Folder de divulgação



Fonte: Mobilang

Esse encontro não ocorreu por acaso, mas através de ações de uma rede de instituições que tem desenvolvido ações voltadas para o público migrante e refugiado que estiveram envolvidas na construção desse debate. Dentre elas, destacamos o Grupo de pesquisa e extensão Mobilang, sediado na Universidade de Brasília, o IMDH, a Defensoria Pública da União – DPU, a pesquisadora Jaqueline Nordin (uma das primeiras investigadoras do campo da interpretação de línguas orais no âmbito forense), dentre várias outras instituições que colaboram com a temática.

Curiosamente, ainda que tivessem intérpretes de Libras-Português no evento, integrantes do Programa de Extensão Mi Sordo da Universidade Federal de Roraima, não havia representantes da área de línguas de sinais discutindo ou apresentando dados sobre surdos imigrantes e refugiados. O Programa Mi Sordo tem se destacado na promoção de atividades voltadas para o público surdo que se encontra na situação de refúgio ou de imigração, desde as condições mais básicas para sobrevivência até as consideradas mais complexas.

Diante de todo esse contexto, o presente estudo aqui desenvolvido pode proporcionar novos conhecimentos para as comunidades surdas e despertar interesse sobre assuntos pouco discutidos na área, a saber, a imigração e o refúgio. Além disso, a tradução comentada de um verbete sobre refugiado pode ampliar a compreensão não somente do conceito, mas também, do processo tradutório e dos desafios enfrentados nele, caso outros tradutores e intérpretes desejem realizar algo nesse sentido. Como aluna do curso de Bacharelado em Letras-Libras, cuja formação foca na tradução e interpretação de Libras-Português, consigo apenas ter em minha mente o principal motivo de ter escolhido essa área, isto é, nós profissionais queremos ter o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido visando sempre o nosso público principal: as pessoas surdas.

Para isso, precisamos estar cientes da importância de um trabalho pautado no profissionalismo e aprendizados que são fundamentais para o desenvolvimento das nossas atividades, como a tradução do referido material. Sendo assim, atrelando os conhecimentos da tradução, as técnicas envolvidas nesse processo e a relevância do assunto abordado, este estudo pretende contribuir com as pesquisas desenvolvidas na área até o presente momento.

Desse modo, organizou-se esta pesquisa em cinco capítulos, os quais apresentarei a seguir. Na introdução, apresenta-se a motivação para o desenvolvimento do estudo, com a justificativa e os objetivos. No segundo capítulo - fundamentação teórica – são trazidas as pesquisas relacionadas ao processo de tradução com os conceitos basilares que serão fundamentais para a execução da proposta deste trabalho. O referencial teórico apresenta também pesquisas e iniciativas existentes que envolvem os imigrantes e refugiados, traz alguns teóricos que falam sobre a tradução e interpretação, os procedimentos tradutórios e por último a tradução comentada. O terceiro capítulo apresenta o

percurso metodológico, isto é, a natureza da pesquisa e os procedimentos utilizados. Além disso, é nessa parte que é apresentado o material a ser traduzido, as etapas de tradução e preparação (glosas, registros). Os resultados e análise se encontram no quarto capítulo com apresentação do material traduzido e uma tradução comentada. Por último, apresenta-se as considerações finais.

2. IMIGRANTES, REFUGIADOS, TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Como já foi dito anteriormente, os imigrantes e refugiados contam com apoio e auxílio de algumas instituições, que acolhem e orientam essas pessoas que saíram ou deslocaram-se de seus países de maneira forçada (no caso dos refugiados). Esse apoio faz toda a diferença, pois são pessoas que enfrentam diversas vulnerabilidades, seja do idioma, das culturas envolvidas, das condições financeiras, dentre outras, já que se encontram em países totalmente diferentes do seu local de origem.

Os casos envolvendo imigração e refúgio são muito frequentes nos dias atuais, aumentando as demandas das instituições que recebem esses casos. Ou seja, mesmo que essas instituições existam, os números de atendimentos só aumentam a cada dia. Neste trabalho, além de procurar conhecer sobre imigrantes e refugiados surdos, é importante citar sobre aqueles que são ouvintes e que também enfrentam situações difíceis. Além de projetos ou programas de extensão que envolvem a língua de sinais, há projetos que ajudam refugiados e imigrantes a se adaptarem ao país e aprenderem a língua portuguesa.

Na maioria dos casos, a língua portuguesa é utilizada como língua de acolhimento. Em uma recente *live* ocorrida em meados de agosto do presente ano, o curso de Bacharelado em Letras-Libras da Universidade Federal de Roraima realizou um encontro intitulado “*Migração de surdos no Brasil – experiências e perspectivas*”. Participaram várias instituições, como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade de Brasília (UnB). Nesse evento, a professora Maria Karoline Sousa da Universidade de Brasília compartilhou as ações desenvolvidas pelo projeto *ProAcolher*, o qual recebe imigrantes e refugiados de todas as partes do mundo.

O projeto desenvolve o ensino de português como língua de acolhimento de forma gratuita para essas pessoas. De acordo com a explanação da referida professora, esse projeto foi pensado e desenvolvido pela sua orientadora, professora Dra. Lúcia Barbosa da Universidade de Brasília. Segundo informações disponíveis no *site* do projeto, O ProAcolher nasceu em 2013, por iniciativa da

professora do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (Neppe) da UnB, Lúcia Barbosa” (PROACOLHER, 2013, s/p).

A professora Maria Karoline relatou a participação de alguns surdos ao longo dos anos de execução desse projeto. Além de imigrantes e refugiados ouvintes que chegam em países desconhecidos com esses desafios relacionados ao idioma, a dificuldade é ainda maior para aqueles que são surdos. Sejam imigrantes, refugiados ou mesmo pessoas que moram em zonas de fronteira, a questão das línguas de sinais envolvidas nas interações linguísticas e culturais deve ser levada em consideração.

Um estudo realizado por Vaz (2017) apresenta algumas discussões acerca das experiências dos surdos que viviam na fronteira do Brasil/Uruguai, especificamente sobre a educação desses sujeitos que moravam no Uruguai e estudavam no Brasil. Segundo o autor, muitos surdos que moravam nas cidades de Santana de Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) e que estudavam em outro país. Em sua pesquisa, o Vaz identificou que para esses surdos apesar da diferença de culturas ou línguas, compartilhavam das mesmas experiências de vida, independente da escola ou país que estudaram.

Vaz (2017), além de trazer reflexões através de sua pesquisa sobre os surdos que frequentavam a fronteira do Brasil/Uruguai, citou um projeto chamado PACSF “*Produções de Artefatos da Cultura Surda na Fronteira*”. O referido projeto existe e foi criado com objetivo de mobilizar a comunidade surda local para participar de eventos, oficinas e entre outras atividades que eram organizadas para buscar o reconhecimento e valorização do sujeito surdo. Esse projeto não foi exclusivo da região sul do Brasil, pois se observarmos temos exemplos semelhantes na região norte do país.

De acordo com Araújo e Bentes (2018, p.589), “a fronteira da República Bolivariana da Venezuela e com a República Cooperativista da Guiana é localizada no estado de Roraima”. No ano de 2016, a política e economia da Venezuela teve uma crise e com isso muitos surdos venezuelanos foram para Boa Vista. Com isso, é possível ver daquele momento até os dias atuais, surdos pedindo esmolas em vários lugares pela cidade. Por outro lado, eventos promovidos pelo curso de Letras Libras da Universidade Federal de Roraima (UFRR), contam com a participação de surdos venezuelanos e promovem a integração nesse espaço.

Em um desses eventos, foi feita uma interpretação multimodal onde envolveu duas línguas de sinais e duas línguas orais simultaneamente, com a presença de uma intérprete de Língua de Sinais Venezuelana (LSV), residente-refugiada em Boa Vista, outros surdos brasileiros que sabiam LSV e surdos venezuelanos que sabiam a Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Essa situação proporciona cada vez mais a comunicação entre as línguas, como disse Cruz e Aleixo (2020), pois Roraima é o estado com mais fronteiras e com isso envolve várias línguas, sejam elas brasileiras, estrangeiras, indígenas, de modalidades diferentes - oralizadas e sinalizadas - e que juntas se fazem presentes nos diferentes contextos sociais do estado. Ainda segundo os autores, é possível compreender como essas imigrações ocorridas nos últimos anos vem se tornando essencial para todos, especialmente, por promover a discussão acerca da realidade plurilíngue do nosso país.

Esse contato entre os países traz conhecimento linguístico, mas, principalmente, aproxima a comunidade em geral, como também as comunidades surdas e proporcionam a troca de experiências e culturas. Por mais que sejam de países diferentes, utilizam do mesmo espaço social, onde assim conseguem tornar possível essa troca de conhecimento. Freitas (2007, p.101) aponta que:

[...] algumas identidades podem até ser conflitantes, pois o indivíduo poderá estar no centro de uma batalha de forças, voltando-se ora para uma identidade, ora para outra, dependendo dos interesses em jogo. Este fato é bastante observado em Boa Vista, capital do estado de Roraima, extremo-norte do país, que recebe imigrantes indígenas advindo das aldeias do interior do estado e até de estados vizinhos.

Por mais inovador que seja, é sempre importante lembrar que se adaptar com uma língua e cultura diferente não é fácil. Muitas coisas entram em cena e pode depender muito de cada imigrante, de sua vontade de crescer e aprender, assim como das condições que lhes são oferecidas para que essas trocas de saberes ocorram de forma efetiva. Ao chegarem no Brasil, muitos imigrantes buscam aprender a língua portuguesa, no entanto, precisam enfrentar muitas dificuldades que vão além de aprender um idioma. Para alguns, uma cultura diferente pode ser muito desafiadora e nem sempre conseguem se acostumar rapidamente, enquanto outros conseguem fazer essa transição de um país para outro e conviver com facilidade com outras culturas.

Em uma entrevista com surdos venezuelanos, Cruz e Aleixo (2020) conheceram um pouco mais sobre o seu cotidiano e a relação desenvolvida com a Libras. A primeira pergunta feita para eles, foi onde costumavam se comunicar em língua de sinais? A partir das respostas dadas pelos surdos, identificaram que há diferentes contextos de uso da língua, como o trabalho e o lar. Além disso, os autores constataram que a principal motivação para aprender Libras estava relacionada à necessidade de conseguir se comunicar com os surdos brasileiros e, posteriormente, aprender o português escrito. Aprender, em um primeiro momento, a Libras facilitaria o aprendizado com o português escrito e também o acesso à comunidade surda. Gesueli (1998, p.14 apud CRUZ e ALEIXO, 2020, p. 27) menciona que:

“[...] torna-se crucial, portanto, que o surdo tenha acesso a experiências com a língua de sinais, para que haja condições de interação, ou seja, de expansão das relações interpessoais e, conseqüentemente, de favorecimento para a construção da subjetividade”.

Esse processo de aprendizagem que os surdos venezuelanos passam, assim como tantos outros surdos imigrantes, fortalece cada vez mais e incentiva os próximos que estão por vir. Além desses primeiros contatos que surdos imigrantes têm com surdos brasileiros, vale destacar também um pouco sobre os intérpretes que realizam a mediação para os surdos refugiados e imigrantes que precisam se comunicar com os ouvintes dos outros países. Mesmo não sendo um assunto muito mencionado ou até mesmo investigado na área, a importância do intérprete sempre existiu ao longo dos anos em todos os contextos.

Com relação às fronteiras, a demanda de trabalho de tradutores e intérpretes é necessária quando surdos imigrantes e refugiados se deparam com pessoas ouvintes, principalmente, aqueles que os atendem de alguma forma nos serviços públicos, como é o caso de policiais, pessoas que trabalham na área da saúde, professores, assistentes sociais, dentre outras pessoas ou instituições envolvidas.

Além das fronteiras que fazem divisa com o Brasil, é possível encontrar trabalhos como esse em outros países, como na Noruega. De acordo com Olsen (2019), um assunto que é bem conhecido entre os intérpretes que atuam nessas condições é o “aprender fazendo”. O autor explica que apesar de todo conhecimento que os intérpretes adquirem em seu curso de formação profissional,

a pessoa sempre tem o que aprender nesse trabalho. Existe tantos contextos de interpretação e para seguir uma área específica é necessário que o próprio intérprete busque se especializar.

Para a maioria dos intérpretes da Noruega, existe uma grande falta de formação na área comunitária e, para conseguir trabalhar com duas línguas ou até mais, é preciso ter a competência linguística. Ainda nas reflexões trazidas pelo autor, existem outras dificuldades que precisam ser enfrentadas no momento de interpretação, como as diferenças culturais, a idade dos surdos refugiados, dentre outros elementos. Tais demandas exigem que o intérprete procure estratégias no momento de interpretação que vai além do que foi aprendido formalmente. Esse trabalho que é realizado faz diferença para aqueles que precisam, pois, esses obstáculos linguísticos ou culturais não podem ser impeditivos para a integração de uma pessoa que não fala a língua do país.

Através do site da ACNUR, diante dos diversos trabalhos divulgados, é possível observar sobre a diferença entre os migrantes e refugiados, mostrando a importância de trazer esse esclarecimento entre os termos, para as pessoas não confundirem. Com isso, de acordo com Genebra (2015), os refugiados são aquelas pessoas que são obrigadas a se deslocar de seus países por causa de conflitos armados ou perseguições e os migrantes escolhem se deslocar de seus países não por causa de conflitos, mas com o objetivo de melhorar sua vida, buscando um trabalho melhor ou educação.

As demandas da imigração e do refúgio se localizam teoricamente dentro do campo da interpretação comunitária, também conhecida como tradução e interpretação em serviços públicos em alguns países. De acordo com Rodrigues (2010), a interpretação comunitária facilita a comunicação daqueles que não são falantes da língua oficial do país, assim permitindo acesso dessas pessoas aos provedores de serviços, tais como a educação, a saúde e os contextos legais. Rodrigues (2010, p.4-5) menciona vários outros contextos, conforme segue:

Contextos Educacionais – em todos os níveis de ensino, inclusive em vestibulares, concursos e outros; Contextos clínicos e hospitalares – acompanhando não somente as consultas médicas, mas exames, cirurgias, tratamentos médicos, psiquiátricos e psicológicos etc; Contextos legais – em audiências, julgamentos, juizados, delegacias, conciliações, consulta a advogados, ministério público, casamentos etc;

Contextos Familiares – conversas de pais com filhos, irmãos, parentes, namorados, amigos, assuntos íntimos, confidenciais, etc; Contextos Midiáticos – telejornais, programas políticos, filmes, documentários, sites e outros produtos da mídia; Contextos Religiosos – nos mais diversos tipos de atividades vinculadas a grupos religiosos: cultos, missas, reuniões etc; Contextos de Lazer e Turismo – parques, clubes, museus, passeios, excursões, etc; Contextos de Conferências – grandes eventos, inclusive de caráter acadêmico e internacional. [...] Contextos empresariais – em treinamentos, seleções, reuniões e, até mesmo, no dia a dia da empresa; os Contextos de serviços públicos/ sociais – acompanhamentos em serviços sociais para cadastramento, atendimentos e retirada de benefícios; dentre outros.

Através desses contextos, observamos diversas demandas das interpretações comunitárias, mas ainda poucas que mencionam imigrantes e refugiados, sejam eles surdos ou não. Além disso, nem sempre nesse âmbito, a tradução aparece de modo visível ou goza do mesmo reconhecimento que a interpretação. Contudo, a tradução está presente e se faz muito importante nos espaços comunitários, pois ela assegura aos imigrantes e refugiados, bem como, outros públicos alvos desse tipo de demanda, acesso e garantia aos direitos linguísticos.

Rodrigues e Santos (2018) explicam, por exemplo, diversos materiais presentes no âmbito da saúde, legal e educacional, que carecem de tradução. Ou seja, traduzir esses materiais poderia ampliar não somente a visibilidade do tradutor e sua relevância no contexto comunitário, mas também, permitir que o público surdo possa acessar com maior informação serviços jurídicos, de saúde e ambientes educacionais. Tais materiais traduzidos poderiam facilitar acesso e promover melhor qualidade de informação para as comunidades surdas.

Ao longo das décadas, a área dos estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais vem se desenvolvendo cada vez mais, ampliando as discussões sobre interpretação comunitária. Nesse contexto, a Lei nº 10.436/02 e Decreto nº 5.626 trouxeram ainda mais oportunidades para as comunidades surdas serem inseridas como profissionais que atuam no campo da docência (professores de línguas de sinais) ou ainda como tradutores e intérpretes de línguas de sinais. Ainda que o campo dos imigrantes e refugiados surdos seja emergente na interpretação comunitária, os embasamentos jurídicos, bem como, as pesquisas desenvolvidas no campo acadêmico sobre tradução ou interpretação de línguas de sinais permitem diversas possibilidades de pensarmos o tema.

Ou seja, o Decreto nº 5.626 possibilita a atuação de tradutores e

intérpretes surdos em algumas situações. Por que não pensar e refletir sobre a atuação desse grupo nas demandas da interpretação e da tradução para imigrantes e refugiados surdos? O mesmo decreto ainda possibilitaria implementar a atuação do professor de língua de sinais e da Libras como língua de acolhimento, se pensarmos que a política nacional utiliza o Português como língua de acolhimento.

O reconhecimento das línguas de sinais e, por consequência, da tradução e da interpretação de/para/entre essas línguas contribuiu fortemente para a visibilidade das comunidades surdas e dos serviços de tradução e interpretação, especialmente, no campo da interpretação comunitária. De acordo com Rodrigues (2015), os Estudos da Tradução e os Estudos de Interpretação apesar de estarem próximos, diretamente relacionados, envolvem processos diferentes do ponto de vista linguístico, cognitivo e operacional no que se refere ao ato de traduzir e interpretar. Quando procuramos diferenciar a tradução da interpretação, percebemos o quanto são semelhantes também, pois ambos envolvem a comunicação e é preciso ter competência linguística e tradutória-interpretativa para transitar de uma língua para outra.

Ainda que os mapas dos Estudos da Tradução pouco discutam explicitamente a tradução e a interpretação em contextos comunitários, mais especificamente, imigração e refúgio, tais documentos podem oferecer profunda reflexão nesse campo. Um exemplo disso é o mapa de James Holmes, pesquisador reconhecido pelo seu trabalho “The name and nature of Translation Studies” [O nome e a natureza dos Estudos da Tradução] publicado em meados dos anos oitenta. Esse autor é usado como referência pela comunidade na área dos Estudos da Tradução. Em seu trabalho foi realizado um mapeamento dos principais campos da tradução sistematizando-a como disciplina. Dessa sistematização, embora o autor não discuta claramente sobre interpretação, é importante mencionar que tanto o campo aplicado quanto o campo teórico podem subsidiar os trabalhos da interpretação comunitária ou ainda da tradução e da interpretação em serviços públicos.

Diante de todo esse contexto apresentado, acredita-se que esse trabalho pode contribuir para aumentar a visibilidade do tema, fazendo com que surdos refugiados e imigrantes possam ser incluídos nos debates sobre migração e refúgio e que o papel dos serviços de tradução e interpretação sejam ampliados nas diversas

comunidades surdas. Além disso, pode promover pesquisas que discutam processos tradutórios mencionando os desafios enfrentados e as soluções tomadas nesses contextos, contribuindo para tradutores e intérpretes que desejam repensar suas práticas profissionais. Por isso, na próxima seção apresenta-se alguns dos principais autores sobre os Estudos da Tradução e da Interpretação.

2.1 PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO

A tradução é um meio de comunicação muito importante para todas as línguas, atualmente, a tradução para a comunidade surda é um acesso ao mundo. No entanto, o processo de tradução exige o conhecimento dos procedimentos tradutórios necessários para a realização desse trabalho. Barbosa (2004) analisou os procedimentos tradutórios descrito por Vinay e Darbelnet (1977) e os distribui em dois eixos, o da tradução direta e o da tradução oblíqua, conforme a tabela abaixo.

Quadro 1 - Eixos da tradução

TRADUÇÃO DIRETA	EMPRÉSTIMO DECALQUE TRADUÇÃO LITERAL
TRADUÇÃO OBLÍQUA	TRANSPOSIÇÃO MODULAÇÃO EQUIVALÊNCIA ADAPTAÇÃO

Fonte: Barbosa (2004, p. 23)

Para Vinay e Darbelnet (1977, p.46 apud BARBOSA, 2004, p.9) a tradução direta “é o mesmo que tradução literal, ou palavra-por-palavra, tanto mais possível quanto maior for a semelhança entre as duas línguas em questão, como no caso de línguas de mesma família”. A tradução palavra-por-palavra relaciona-se com a questão da fidelidade, onde ser fiel é preciso seguir na risca a tradução de cada palavra. A tradução oblíqua, segundo Barbosa (2004), é aquela que não é literal, mesmo que em algumas situações não seja possível. O tradutor tem autonomia em trabalhar da forma que achar melhor, usar procedimentos que sejam úteis no momento do processo. O profissional conseguirá desenvolver um resultado melhor dessa forma do que tivesse que seguir uma tradução palavra-por-palavra ou ser “fiel”.

Segundo Ronai (1952 apud ROSA, 2006, p.126), a fidelidade do tradutor se

relaciona com as duas línguas, a língua de partida e a chegada. É preciso que o tradutor encontre um equilíbrio entre a alteridade e a identidade com o original quando se compromete com a fidelidade e, para isso, é preciso que o tradutor além de ser fiel, se preocupe com as necessidades do leitor.

“Todavia, só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor que se limitasse a uma simples transposição de palavras ou expressões de uma para outra. Mas línguas assim não existem, não há, nem mesmo entre os idiomas cognatos. As inúmeras divergências estruturais, existentes entre a língua do original e a tradução, obrigam o tradutor a escolher, cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha ele é inspirado constantemente pelo espírito da língua para qual traduz. (RÓNAI, 1952, p.10 apud ROSA, 2006,p.126)

Conforme Segala (2010), as traduções possuem muitas interferências linguísticas e culturais do português, mas o tradutor deve:

“Priorizar é o aperfeiçoamento de seu trabalho, realizando de uma maneira melhor a sua tradução. Há vários caminhos diferentes para seguir e diversas teorias para tomar como base. Não existe o traduzir certo, nem traduzir errado, mas um traduzir segundo o contexto de experiência na vida social e cultural (SEGALA,2010,p.44).

Em seu trabalho, Segala (2010) fala sobre a tradução estrangeirizadora, onde é possível observar em uma tradução vestígios ou marcas da língua ou cultura original do texto traduzido, o que proporciona ao acesso à cultura estrangeira. Nas traduções do texto em português para a língua de sinais, o tradutor procura no processo de tradução trazer o texto para a língua de chegada da forma que o leitor reconheça aquele texto em sua língua, mas mesmo assim faz que o sujeito surdo reconheça as marcas do texto original.

“Na adaptação, busca-se a invisibilidade do autor do original, isto é, as marcas próprias de autoria e de identidade cultural são transformadas para que o texto traduzido tenha uma - identidade surda. Assim, o surdo lê a tradução e a entende, mesmo que saiba que o original foi produzido por um ouvinte (SEGALA, 2010, p.47)

Um outro exemplo, segundo Segala (2010), são os textos em português traduzidos para a língua de sinais. Quando o tradutor produz um vídeo em língua de sinais, a partir de um texto em português, podemos observar as marcas do texto original na utilização de imagens com escrita em português ou na soletração de

palavras. Essas são algumas formas que indicam a presença a estratégia utilizada no processo de tradução. De acordo com Segala (2010, p.46), na tradução doméstica procura-se não deixar vestígios ou marcas da língua original ou de sua cultura, isto é, “o tradutor tem de se preocupar em adaptar a fluência, o ritmo, as imagens para a língua do texto traduzido” (SEGALA, 2010, p.46). Desse modo, a tradução parece mais natural, sem que as marcas culturais ou outras expressões influenciem a compreensão do leitor. Tais aspectos são salientados por Venuti (1995, p.111 apud SEGALA, 2010, p.46) onde afirma que:

Uma tradução é considerada aceitável por redatores, revisores e leitores quando sua leitura é fluente, quando há ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos. Transmite a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou intenção do autor estrangeiro ou o significado essencial do texto original.

Étienne Dolet (1509-1540 apud SEGALA, 2010, p.54), “estabeleceu cinco princípios para o tradutor: 1) o tradutor deve entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido; 2) o tradutor deve conhecer perfeitamente a língua do autor que ele traduz; e que ele seja igualmente excelente na língua na qual se propõe traduzir; 3) o tradutor não deve traduzir palavra por palavra; 4) o tradutor deve usar palavras de uso corrente e 5) o tradutor deve observar a harmonia do discurso.”

2.2 TRADUÇÃO COMENTADA

Diante dessa fala e dos trabalhos existentes nos dias atuais, vemos que é possível uma tradução dos materiais relacionados à temática aqui apresentada, sendo as produções de Natália Schleder Rigo, um exemplo disso. Em um trabalho feito sobre “Tradução poética de músicas para Língua Brasileira de Sinais (Libras)”, Rigo (2019) mostra alguns desafios que os tradutores/intérpretes passam na prática da tradução com textos literários, principalmente com músicas, algo desafiador para muitos intérpretes. Essas dificuldades dos intérpretes estão sendo superadas a cada dia e esse trabalho torna-se cada vez mais necessário, especialmente no momento de pandemia, em interpretações/traduições de *lives* que

estão acontecendo em todo o país. Strobel (2008, p. 70) fala sobre artefatos surdos com relação à música:

Música não faz parte da cultura surda, mas os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de música e isto também deve ser respeitado. Respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintizadas, surgem os artistas surdos em diferentes contextos como: música-sem-som, dançarinos, atores, poetas, contadores de histórias etc. (STROBEL, 2008, p. 70)

Rigo (2019), entende com isso que os sujeitos surdos e a relação da música com a comunidade surda se expandiu consideravelmente, considerando atualmente os surdos que estão trabalhando no ramo da música em diversos papéis, sendo alguns deles: instrumentistas, membros de bandas e grupos musicais. A cada ano que passa, os surdos vão se inserindo cada vez mais no meio artístico e com isso, incentivando outros surdos a seguirem o mesmo caminho. Além de compreender sobre a tradução e interpretação, faz-se necessário entender sobre a cultura surda. Strobel (2008, p.24) afirma que a:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Conforme exposto, há muitos aspectos a serem considerados para o desenvolvimento de uma tradução, dentre eles, o conhecimento da cultura surda. Também, é fundamental o conhecimento de aspectos teóricos que subsidiem esse trabalho. Para realizar a tradução comentada nesta pesquisa, buscou-se bases teóricas do campo da tradução. Conforme a pesquisa de Nord (2016), uma delas é a “Teoria do Skopos”, que tem como entendimento em uma tradução o “contínuo de mundos”. Sendo assim, a tradução nessa teoria é realizada para que seja interpretada pelo receptor como “coerente com a situação”. Para a autora, a fidelidade nessa situação é subordinada a essa teoria “Skopos”, no entanto, “o critério exigido já não é a coerência intratextual com o texto fonte, mas passa a ser a adequação ou a apropriação em relação ao skopos” (NORD, 2016, p.53-54). Para Nord (2016, p.55) se em relação ao texto ter uma configuração de elementos própria e que depende um do outro faz com que determine sua função, é pelo fato que:

“Se apenas um elemento é alterado, a posição dos outros elementos dentro da configuração será inevitavelmente alterada também. Em qualquer tradução (mesmo no sentido mais tradicional da palavra) que pretende permitir que as pessoas se comuniquem através da barreira cultural e linguística, pelo menos um elemento é diferente toda vez, e este é o receptor” (NORD, 2016, p.55).

Por isso, é preciso realizar uma análise no momento de fazer a tradução, pensando no público alvo, pois aquele que receber o texto alvo, provavelmente não terá conhecimento do assunto tratado no texto fonte ou estar familiarizado com determinada terminologia. Essa adaptação para o texto alvo, é algo que os tradutores estão acostumados a fazer, sendo algo destacado pela autora como uma característica da tradução. Por isso, Nord (2016) recorda que a funcionalidade é o critério mais importante da tradução, porém, não é o único. Podendo haver relação entre texto fonte e texto alvo, é utilizado como base nessa afirmação a “teoria de skopos”, onde se tem como critério no momento do processo de tradução de “preservar” ou “adaptar” elementos para o texto alvo. Com isso, o profissional tem o compromisso e a responsabilidade de trazer em sua tradução a intenção do autor do texto fonte. É dessa forma que consideram o termo “lealdade”, sendo um princípio ético indispensável para um processo de comunicação. Já a “fidelidade”, em sua definição geral, procura ser as semelhanças entre o texto fonte e texto alvo.

Como aponta Nord (2016, p. 73), “função comunicativa é o critério determinante para a textualidade, à qual as características semânticas e sintáticas do texto são subordinadas”. Um exemplo, seria como uma declaração, onde não possui coerência semântica, propriedades formais e sintéticas de coesão, mas são entendidas como “texto” por seus receptores. Dessa forma, para os tradutores profissionais, esses tipos de textos fontes são considerados como “deficientes”, mas mesmo assim, possuem uma função comunicativa, conseguem as informações necessárias e realizam a tradução do texto. Para uma análise do texto fonte é de extrema importância os fatores da situação comunicativa, esses fatores são conhecidos como “extratextuais” ou “externos”. Para os fatores extratextuais podem ser considerados aqueles no texto como “verbalizados”.

Nord (2016, p. 74) ainda explica que “o jogo entre os fatores extratextuais e intratextuais pode ser convenientemente expresso na seguinte “Fórmula Q”. Dependendo da sua relação com a situação comunicativa ou com o próprio texto,

essas questões podem ser atribuídas aos fatores de análise extratextuais ou intratextuais”. Com isso, é possível observar na tabela abaixo como se aplica essa “Fórmula Q”:

Quadro 2 - Fórmula Q

Quem transmite Para quê Para quem Por qual meio Em qual lugar Quando Por quê Com qual função	Sobre qual assunto ele diz O quê (o que não) Em qual ordem Usando quais elementos não verbais Com quais palavras Em quais orações Com qual tom
Com qual efeito?	

Fonte: Nord (2016, p. 74)

Os fatores extratextuais se aplicam de acordo com as informações do autor ou emissor do texto, e também com informações do contexto onde foi produzido, para quem foi produzido, questões que muitas vezes estão implícitas (não verbalizadas), sendo que os fatores intratextuais são sobre o tema de que o texto se trata, o modo (a forma) também. Em uma tradução, o profissional que utiliza modelo “Fórmula Q” conseguirá realizar sua tradução com mais clareza e, assim, terá possivelmente um melhor resultado. De acordo com Albres (2020, p.76), “tradução comentada se dedica a analisar tanto aspectos extra-textuais como intra-textuais”. Dessa forma, como mostra o modelo acima, no procedimento tradutório é preciso fazer uma pesquisa sobre o texto fonte, sobre obras relacionadas e também sobre o autor do texto que será traduzido, pois assim será possível analisar e fazer comentários em todo o processo.

Com isso, Albres (2020, p.75) afirma que a tradução comentada envolve atividades que acontecem antes da tradução, durante e depois. Como atividades precedentes, a autora destaca o estudo das fontes consultadas, das pesquisas realizadas para conhecimento da obra e contexto histórico e perfil do autor.

Nessa linha, Zavaglia, Renard e Janczur (2015, p.333) explicam que:

Williams e Chesterman, em sua obra *The Map*, no item “Areas in Translation Research” e no subitem “Texts Analysis and Translation”,

trazem translation with commentary e annotated translation como formas de nomear esse mesmo gênero textual. Segundo os autores, “uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”. Nesta citação, “tradução com comentários” é tratada como sinônimo de “tradução anotada”, que aparece entre parênteses como uma explicação. Os autores acrescentam que os comentários apresentados pelo tradutor podem aparecer de diferentes formas, dentre as quais discussões sobre a tarefa de traduzir, análise do texto-fonte e do contexto em que ele foi escrito ou ainda justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório. Isto é, toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada. (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 333).

Conforme os autores citam acima, a tradução comentada é conhecida pelos tradutores como sendo uma forma de registrar comentários ou anotações do processo tradutório, de dúvidas que surgiram e as suas soluções do texto fonte. Como aponta Zavaglia, Renard e Zanczur (2015), ainda com essa definição sobre todo o processo, existe uma grande dúvida diante do objetivo real desse método: na tradução comentada acadêmica deve registrar os problemas enfrentados e as soluções como cita William e Chesterman ou criticá-la e analisar apresentando seus fundamentos? Essas observações registradas pelos autores servem para refletir justamente como é feito em trabalhos acadêmicos.

Ainda em sua pesquisa, Zavaglia Renard e Janczur (2015) analisam que alguns autores não concordem sobre isso, a tradução é considerada por si só, um comentário. Existindo outros trabalhos como exemplo, “somente o contraste com o original e/ou com outras traduções desse mesmo original tornaria possível uma análise desse comentário”. (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 336).

Albres (2020), em sua pesquisa, tinha como objetivo descobrir quais são os passos de uma metodologia de tradução comentada. Contudo, analisando alguns trabalhos de tradução comentada, a autora realizou recomendações que servirão para auxiliar os próximos tradutores, conforme apresentado abaixo (ALBRES, 2020, p.85-86):

Quadro 3 - Recomendações para uso de metodologia de tradução comentada

Recomendações:

- 1. Título do artigo:** a indicação da tradução comentada no título é opcional;
- 2. Resumo:** deve apresentar no resumo a tradução comentada como a metodologia, o uso do estudo de caso e pesquisa qualitativa, como os outros elementos essenciais ao resumo;
- 3. Metodologia:** é salutar apresentar uma seção de metodologia no artigo em que se apresente de forma detalhada a pesquisa de tradução comentada, incluindo seus instrumentos e procedimentos: - Apresentar a tradução comentada como de abordagem qualitativa, tipo de pesquisa descritiva e como um “estudo de caso”; - Apresentar a pesquisa feita paralela à tradução (documentação, dicionários, sites, etc.); - Registrar o processo em um “diário de tradução” que servirá como material para os comentários da tradução; - A tradução deve ser realizada por etapas, envolvendo revisões, alterações, ponderações iniciais. Registrar todas as impressões, excitações, sentidos construídos no processo em diário de tradução; - Pode-se organizar um diário em que cada trecho original é disposto em tabelas, de forma numerada, na ordem em que aparece no texto, e nas colunas apresentar as versões e os comentários do tradutor por dia de trabalho; - Explicitar se houve grandes intervalos entre a tradução e as releituras e alterações;
- 4. Análise da tradução:** - Apresentar a obra, o autor e o contexto histórico da obra traduzida; - Fazer uma descrição pré-tradução; - Fazer uma descrição da tradução, quantas versões da tradução foram desenvolvidas, a depender do espaço do artigo e do tamanho do texto apresentá-las na íntegra; - Apresentar pelo menos o texto de partida e a versão final da tradução. Sugerimos a apresentação do texto de partida antes do texto traduzido, podendo usar a forma canônica de duas colunas com os textos paralelos, ou mesmo de três colunas com os textos de partida e chegada paralelos, assim como os comentários relacionados a cada trecho; - Convém dividir o poema em estrofes (unidades de tradução) numeradas para poderem ser recuperadas no decorrer do texto analítico. Para cada estrofe indique o tempo de início e término no vídeo ou subdivida o vídeo para acesso direto ao excerto. - Disponibilize o link do vídeo em uma plataforma de sua autoria para não correr o risco de ser

apagada futuramente; - Após a apresentação global da sua tradução, passar a problematizar o processo e a discutir sobre as escolhas tradutórias; - Os comentários “brutos” do diário de tradução são selecionados em excertos para compor o artigo, como uma memória do vivido no processo de tradução e em outro momento, da escrita do artigo, o autor-tradutor reelabora e aprofunda a análise; - Na análise, o uso da glosa deve ser associado à ilustração do vídeo com prints da sinalização. Procure trabalhar com uma sequência de sinais em detrimento de sinais isolados, assim o ponto de análise fica mais bem contextualizado para o leitor; - Os comentários, propostos ao longo da tradução, podem ser numerados em sequência ou agrupados por categorias analíticas. Nessa parte do artigo, recomenda-se dividir em trechos menores o texto da tradução para detalhar a discussão.

Com base nesses pressupostos, apresenta-se a metodologia da presente pesquisa.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa e a descrição minuciosa do processo tradutório do verbete “Refúgio/Refugiado”.

De acordo com Albres (2020) e Zavaglia, Renard e Zanczur (2015), este estudo caracteriza-se como uma tradução comentada, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. A pesquisa descritiva, de acordo com Gil (2002), busca descrever as características de um determinado fenômeno, grupo ou de acordo com o que está sendo trabalhando e assim utilizar técnicas para coletar dados, como questionário e também observação sistemática. O autor ainda explica que existe uma pesquisa descritiva, tendo como objetivo levantar todas as informações necessárias e assim proporcionar uma nova visão ao assunto que será trabalhado pelo profissional. Em sua fala, Gil (2002, p. 134) entende que, “nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos.” Nesta pesquisa, busca-se descrever o processo de tradução de um verbete, através de uma abordagem qualitativa com o intuito de entender como se dá essa prática.

Para o desenvolvimento da pesquisa, organizou-se as seguintes etapas com base na metodologia utilizada por Rigo (2012): a) biografia dos autores e

características das obras produzidas; b) aspectos relacionados ao texto; c) levantamento terminológico; d) construção da tradução; e) recursos; e f) procedimentos finais: revisão e consultoria surda.

É importante mencionar que a consultoria foi realizada pelo surdo Saulo Zulmar Vieira, mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC) e professor de Libras no Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Palhoça Bilíngue. As suas contribuições foram fundamentais para a revisão e conclusão do texto traduzido.

3.1 BIOGRAFIA DOS AUTORES E CARACTERÍSTICAS DA OBRA PRODUZIDA

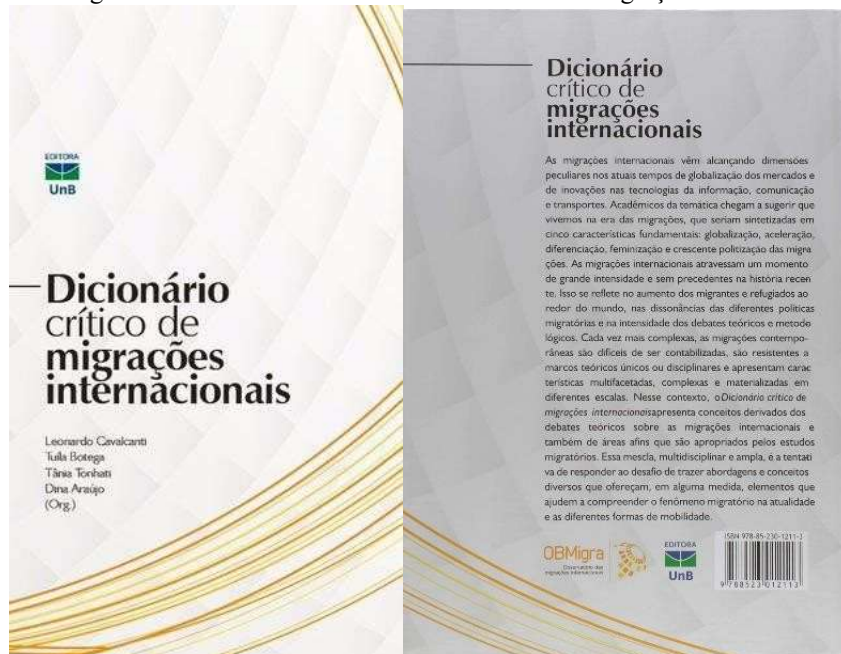
O dicionário crítico de migrações internacionais foi publicado pela editora UnB, da Universidade de Brasília, no ano 2017 e tem como principais autores, Leonardo Cavalcanti, Tuíla Botega, Tânia Tonhati e Dina Araújo. Os autores do verbete “Refúgio/Refugiado(a)” publicado no Dicionário Crítico de Migrações Internacionais são Andres Ramirez e Tháís Guedes Alcoforado de Moraes. Ramirez é doutor em economia pela Universidade Nacional Autônoma de México – Unam, representante do Escritório Regional do Acnur na América Central, Cuba e México. Moraes é assistente sênior de proteção do Acnur Brasil, mestra em Direito, Estado e Constituição na Universidade de Brasília e mestra em Paz sustentável no Mundo Contemporâneo na Universidade para a Paz, Costa Rica.

Em uma pesquisa acerca dos autores, encontrou-se no currículo de Tháís Guedes Alcoforado de Moraes, alguns trabalhos relacionados aos refugiados e imigrantes. Entre os seus trabalhos publicados, um deles que chamou atenção foi “O papel do judiciário na proteção aos refugiados”, que em uma breve leitura, acredita-se que seu conteúdo poderia ser usado como complemento na leitura do verbete traduzido, trazendo ainda mais conhecimento sobre o tema tratado.

Nesse dicionário, além desse verbete sobre Refúgio/Refugiado(a), há outros verbetes que abordam as teorias e conceitos sobre migrações internacionais, tendo o importante papel de trazer informações para aqueles que procuram sobre o assunto e aqueles que procuram reconhecimento. O verbete traduzido não é específico aos surdos, mas é um material com conteúdo válido tanto para ouvintes

ou surdos imigrantes, por explicar sobre documentos, leis, artigos que fizeram e fazem diferença para todos. Na imagem abaixo, é possível ver o dicionário mencionado.

Figura 2 - Frente e verso do dicionário crítico de migrações internacionais



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Dicion%C3%A1rio-Migra%C3%A7%C3%B5es-Internacionais- Leonardo-Cavalcanti/dp/8523012117>

Na contracapa do dicionário, os autores apresentam de forma geral todo o conteúdo. Cavalcanti *et al* (2017) explicam, resumidamente, que as migrações internacionais vêm se expandindo cada vez mais nos tempos atuais em razão da globalização dos mercados e também das inovações tecnológicas. Os autores mencionam que alguns acadêmicos da área chegaram a sugerir que estamos vivendo na era das migrações, onde é possível encontrar cinco características que são essenciais no momento: globalização, aceleração, diferenciação, feminização e crescente politização das migrações.

Cavalcanti *et al* (2017), ainda destacam o grande aumento dos migrantes e refugiados ao redor do mundo, que reflete em uma grande intensidade sem precedentes na história recente. Esse dicionário crítico de migrações internacionais traz em seu contexto conceitos sobre as migrações internacionais e áreas relacionadas aos estudos migratórios, buscando ajudar a compreender esse fenômeno migratório nos dias atuais e as diferentes formas de mobilidade (CAVALCANTI *et al*, 2017).

3.2 ASPECTOS RELACIONADOS AO TEXTO: CONTEXTUALIZAÇÃO ELEITURAS INICIAIS

A escolha do texto ocorreu pela significância do tema, conforme justificado anteriormente na introdução deste trabalho. Trata-se de uma temática atual e amplamente discutida em diferentes áreas, o que suscitou o interesse em trazê-la para o campo da tradução, tendo em vista que já existem alguns trabalhos sobre imigrantes e refugiados. Acredita-se que traduzir esse material irá proporcionar acesso à comunidade surda, principalmente aos surdos acadêmicos a conhecer ainda mais sobre o assunto. Como observamos, não existe apenas ouvintes imigrantes ou refugiados, mas surdos também. Considerando a existência de algumas pesquisas relacionadas aos surdos refugiados, espera-se que esta proposta de tradução complemente as discussões estabelecidas e suscite novos estudos futuramente.

Como o tema foi escolhido no início do ano e, em seguida, ocorreu a pandemia, eu já havia escolhido o texto que iria trabalhar e, mesmo antes de ler alguns materiais relacionados ao tema, realizei uma tentativa de tradução. Porém, em algumas reuniões com a minha orientadora, resolvi que primeiro precisava desenvolver a pesquisa teórica para que depois realizasse a tradução do material, procurando ter uma familiarização para evitar generalizações. Assim, antes de iniciar a leitura “oficial” do material a ser traduzido, fiz algumas pesquisas sobre o assunto para que facilitasse na compreensão do texto. A primeira leitura do verbete serviu para que eu pudesse fazer um reconhecimento geral do conteúdo, tendo em vista as informações que ela possuía, sem se atentar aos termos específicos que nele constavam.

Posteriormente, em uma segunda leitura, me obtive atenta a todos os detalhes do texto, planejando a forma de organização da tradução do material. Nesse momento, foi possível compreender claramente o texto e preparar a próxima etapa, que seria o reconhecimento dos sinais terminológicos e dos sinais desconhecidos por mim. O texto escolhido, por se tratar de um verbete, possuía muitas informações importantes que dificilmente poderiam ser substituídas.

Para Zavaglia, Renard e Zanczur (2015) a tradução comentada é uma das propriedades em contexto acadêmico, onde o estudante deixa registrado todo

processo tradutório desde suas escolhas iniciais até as finais, utilizando seu embasamento teórico em suas justificativas. Também, a importância que o tradutor demonstra em compreender o contexto da obra e do autor, de sua escolha naquele texto e durante a tradução selecionando alguns trechos mais significativos para discutir as estratégias de tradução que foi utilizada.

3.3 LEVANTAMENTO TERMINOLÓGICO

De acordo com as leituras feitas, identifiquei alguns termos específicos que exigiriam uma pesquisa e um estudo para que fosse colocado da melhor forma na língua-alvo, como também alguns sinais que eram desconhecidos. Os termos gerais com mais dificuldades foram:

Quadro 4 - Termos técnicos do verbete: Refúgio/Refugiado

CONVENÇÃO	DESCOLONIZAÇÃO	COMISSÃO EUROPEIA
ASSEMBLEIA GERAL	DECLARAÇÃO DE CARTAGENA	INICIATIVA NANSEM
LIMITAÇÃO GEOGRÁFICA	COMISSÃO INTERAMERICANA	REGIME JURIDICO
LIMITAÇÃO TEMPORAL	LEGISLAÇÕES DOMÉSTICAS	PANDILLAS
PROTOCOLO INICIAL DE 1967	DOCTRINA	TRANSFRONTEIRIÇO

Fonte: Elaborada pela autora

A partir desse levantamento, foi necessária uma pesquisa sobre cada um, estudando possibilidades de utilizar sinônimos e, em alguns casos, conseguir trazer para o texto-alvo da melhor forma possível, onde fique claro para o público alvo o significado daquele determinado termo no texto. É válido ressaltar que esses termos destacados acima não poderiam ser omitidos na tradução, pois no texto original eram as “peças-chave”. Outros sinais que foram motivos de pesquisa por serem desconhecidos, são nomes de países, nomes de universidade, institutos, áreas de concentração e entre outros. É possível observar no quadro abaixo alguns desses sinais:

Quadro 5 - Sinais desconhecidos

PAÍSES/LUGARES	MÉXICO – AMÉRICA CENTRAL – CUBA – BRASÍLIA – COSTA RICA – ÁFRICA – AMÉRICA LATINA – NORUEGA – SUIÇA – EUROPEIA	UNIVERSIDADE NACIONAL AUTÔNOMA DE MÉXICO – UNIVERSIDADE PARA A PAZ- ACNNUR – ONU – OUA -
ÁREAS/OUTROS	PAZ SUSTENTÁVEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO – DIREITO, ESTADO E CONSTITUIÇÃO – ASPECTOS ESPECÍFICOS – ORDEM PÚBLICA	

Fonte: Elaborado pela autora.

Para realizar a busca dos termos apresentados nas tabelas acima utilizou como maior ferramenta de pesquisa o glossário do curso de Letras Libras e páginas do *youtube*.

Quadro 6 - Ferramentas utilizadas para pesquisar sinais.

<p>1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Glossário Curso de Letras Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.</p> <p>1. Disponível em: http://www.glossario.libras.ufsc.br/ Acesso em: outubro de 2020</p> <p>2. YOUTUBE.</p> <p>2. Disponível em: https://www.youtube.com/?hl=pt&gl=BR. Acesso em: outubro de 2020</p> <p>Alguns exemplos:</p> <p>https://www.youtube.com/user/vlogdarobo</p> <p>https://www.youtube.com/channel/UC0IRl6xHROjcZ105O_TdMXg</p> <p>https://www.youtube.com/channel/UCRqnZxZhPajvBd67avT2_LA</p>

Fonte: Elaborado pela autora

3.4 CONSTRUÇÃO DA TRADUÇÃO

Após a identificação dos termos técnicos e desconhecidos, iniciou-se o processo de tradução realizando uma organização do texto que seria utilizado como base para a sinalização. Fiz uso das glosas e procurei utilizar como estratégia algumas características do português para conseguir compreender como, por exemplo, alguns movimentos de alguns verbos. Durante o curso aprendemos como realizar uma tradução, conhecemos sobre o uso das glosas, mas fazer esse uso pode atrapalhar algumas vezes. Trazer para a tradução palavra e sinal, torna-se um uso de glosa isolada, quando utilizo como estratégia um conjunto de anotações juntamente com as glosas. Essa estratégia de tradução sempre me ajudou de alguma forma, pelo português ser a minha primeira língua e assim ter como um apoio essa língua quando tivesse recebendo a informação, porém, é humanamente impossível não ser influenciado por sua língua mãe em uma tradução; isso não é ruim, é natural; é mais mito do que realidade desejar que isso não aconteça, mesmo que acontecesse algumas vezes, mas é algo que a cada trabalho vai sendo

aprimorado.

O texto foi dividido por partes e feita a tradução por blocos para ter uma melhor organização. Essa escolha de divisão é feita também pensando na revisão do texto que foi traduzido, onde facilitaria a realização de alguma correção ou mudança nas escolhas feitas anteriormente. Todo momento de tradução dos blocos foi pensado e organizado com muita cautela para cada informação, sempre procurando trazer da melhor forma para a língua alvo, onde o público que irá receber consiga ter uma compreensão clara do conteúdo.

3.5 RECURSOS

Os equipamentos utilizados para a gravação, como: tripé, fundo verde e entre outros equipamentos da estrutura, foram empréstimos de uma colega já formada, Francine. Em razão da pandemia, não foi possível utilizar o espaço disponível na UFSC para gravação do material e, por não obter tais equipamentos, foi necessário contar com o apoio da colega que possuía o estúdio e a ofereceu para concluir o trabalho de conclusão de curso. Depois de finalizar a tradução, pesquisar e treinar os termos técnicos e desconhecidos, iniciou-se a gravação de áudio de cada bloco, recurso utilizado como apoio no momento da gravação. Como iria utilizar o celular para realizar as gravações, utilizei o notebook para reproduzir esses áudios gravados de cada bloco.

Em alguns blocos, tiveram determinados termos que não foram encontrados sinais e não poderiam ser omitidos na tradução, sendo assim, no momento de gravar os áudios desses blocos, utilizou-se como estratégia para conseguir trazer com clareza esses termos, a soletração oral de cada termo não encontrado para que no momento da sinalização não precisasse soletrar com rapidez ou não atrapalhasse de alguma forma a soletração. Vale lembrar, que antes mesmo de obter os áudios oficiais para utilizar nas gravações, foi feito vários testes de alguns blocos para que o áudio ficasse no mesmo ritmo que a sinalização, nem devagar e também nem muito rápido.

Como ferramenta para edição dos vídeos, utilizou-se o programa *Adobe Premiere Pro CC 2015*. Esse recurso foi fundamental para os cortes iniciais e finais da sinalização, para a retirada do áudio que aparece no vídeo e também para

colocar as legendas em alguns trechos.

3.6 PROCEDIMENTOS FINAIS

Como foi dito anteriormente, o texto traduzido passou por uma revisão de um consultor surdo, o professor Saulo. Ele recebeu as questões elaboradas previamente, perguntas que tem como objetivo trazer as sugestões do consultor de acordo com as dificuldades que tenho em relação às expressões faciais, estrutura da frase e outras questões que podem ser observadas no quadro abaixo:

Quadro 7 - Questões para o consultor surdo

SOBRE O MATERIAL TRADUZIDO
1) O que você destaca de positivo da tradução?
2) O que você acha que precisa melhorar na tradução?
QUESTÕES DE ORDEM LINGUÍSTICA:
3) O que você tem a falar sobre a estrutura da frase?
4) O que você tem a falar sobre a expressão facial?
5) Qual a sua opinião sobre a configuração de mão?

Fonte: Produzido pela autora

Como podemos observar acima, o consultor utilizou essas questões para dar o seu *feedback* do material, com base em sua formação na área da tradução. Ao solicitar a revisão, expliquei a proposta da tradução e para que fins seria. O consultor surdo assistiu aos vídeos e procurou fazer as melhores contribuições para a trabalho. As respostas foram enviadas pelo *whatsapp* e são mantidas na íntegra no quadro abaixo:

Quadro 8 - Questões respondidas pelo consultor surdo

Perguntas	RESPOSTAS
O que você destaca de positivo da tradução?	<i>Destacou a importância da interpretação do entendimento da libras no contexto do livro.</i>
O que você acha que precisa melhorar na tradução?	<i>Melhorar a expressão facial e as marcas referentes do espaço.</i>
O que você tem a falar sobre a estrutura da frase?	<i>Essa tradução me parece um pouco de dependência da estrutura do português, mas depois muda alguma forma da estrutura da ordem</i>
O que você tem a falar sobre a expressão facial?	<i>Falta a melhorar muito isso.</i>
Qual a sua opinião sobre a configuração de mão?	<i>A configuração das mãos por enquanto no meu ver está bem tranquilo, só que normalmente ela se preocupa com a tradução simultânea, percebo q ela está ouvindo o áudio traduzindo e se preocupando com a perda da fala.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Por último, o consultor comunicou que não seria necessário no momento refazer os vídeos, pois as informações estavam claras. Porém, era necessário corrigir esses aspectos que foram destacados por ele, caso fosse realizar uma versão final do material. Com isso, realizei uma segunda versão, procurando trazer suas sugestões, tanto na tradução, como também nos vídeos que foram gravados novamente. Em razão do prazo apertado, não foi possível encaminhar o material para uma segunda revisão do consultor surdo.

Na etapa de edição, cada vídeo foi salvo de acordo com os blocos organizados traduzidos, para facilitar na edição. Os vídeos foram salvos no *Drive* do *Gmail* para ter uma garantia a mais de que não serão perdidos.

4 ANÁLISE DE DADOS

Como mencionado anteriormente, realizou-se duas traduções do verbete,

sendo a primeira a partir de algumas pesquisas realizadas por mim e a segunda, com base nas sugestões do consultor surdo.

Nesta etapa da análise de dados, apresenta-se a tradução comentada com base nos teóricos utilizados nesse trabalho, principalmente, a pesquisa de Nord (2016), a qual será utilizada o modelo de tradução proposto para fundamentar essa análise para auxiliar compreensão do texto, dos fatores extratextuais e intratextuais, onde a autora propõe que o tradutor possa compreender o material em um todo.

Dessa forma, explora-se na análise de dados, os fatores extratextuais descritos por Nord (2016), que incluem as informações sobre o autor, o público para quem o texto é direcionado, em que meio o material é disponibilizado, quando e qual o motivo principal do texto produzido. Os fatores intratextuais são organizados de acordo com as informações do texto, sobre qual assunto se trata, o que está sendo falado, a estrutura, elementos não linguísticos que acompanham o texto, as características lexicais e as estruturas sintáticas.

4.1 FATORES EXTRATEXTUAIS

Por fatores extratextuais, Nord (2016) compreende os seguintes elementos: emissor, intenção, receptor, meio e tempo. Com isso, iremos descrever cada elemento de acordo com o material traduzido.

Como observamos no capítulo anterior, os autores responsáveis pelo verbete Refúgio/Refugiado(a) são Andrés Ramirez e Thaís Guedes Alcoforado de Moraes. Ramirez possui doutorado em Economia pela Universidade Nacional Autônoma de México –UNAM, formação em Sociologia Rural pela Universidade Autônoma de Chapingo e é representante do Escritório Regional do Acnur na América Central, Cuba e México. A outra autora, atualmente assistente sênior de proteção do Acnur Brasil, possui mestrado em Direito, Estado e Constituição na Universidade de Brasília e mestrado também em Paz Sustentável no Mundo Contemporâneo na Universidade para a Paz, Costa Rica.

Porém, sendo um verbete dentro de um dicionário, a organização da obra completa é organizada por outros autores. Um deles é Leonardo Cavalcanti, professor adjunto na Universidade de Brasília (UnB) - Instituto de Ciências

Sociais - Centro de Pesquisa e Pós- Graduação sobre as Américas (CEPPAC), bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq PQ2) e Coordenador Científico do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). Também autora, Tuíla Botega é bacharela em Sociologia, licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília e mestra em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa. Foi pesquisadora do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e, atualmente, é pesquisadora e coordenadora do programa de pesquisa do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM). A terceira autora, Dina Araújo, é licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília e mestra em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino Americanos(ELA) do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Desempenha função de assistente de pesquisa III no Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), no qual participa do projeto Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Interacional (COBRADI). Tem interesse nas áreas de Sociologia das Migrações, Estudos Latino americanos, Gestão de Políticas Públicas, Direitos Humanos, Gênero e Relações Étnico- raciais. Por último, a autora Tânia Tonhati que é doutora pela Universidade de Londres (Goldsmiths), no Departamento de Sociologia e professora Adjunta do Departamento de Sociologia, da Universidade de Brasília - UnB. Além disso, é pesquisadora do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra-UnB), instituído através de cooperação técnica entre a Universidade de Brasília (UnB) e o Conselho Nacional de Imigração (CNIg).

O Dicionário Crítico de Migrações Internacionais foi publicado em 2017 e reúne 141 conceitos acerca das migrações internacionais, dentre eles, o verbete traduzido. Cavalcanti *et al* (2017) explicam que a maioria dos verbetes estão intrinsecamente relacionados ao campo teórico das migrações, mas há conceitos de outras áreas afins, característica dessa obra multidisciplinar que conta com 150 autores de diferentes países, universidades e instituições. Segundo os organizadores, o dicionário traz verbetes que proporcionam a reflexão acerca da complexidade atual vivenciada na área das migrações internacionais.

Ao realizar a leitura do verbete escolhido para a tradução, percebe-se que os autores construíram a escrita de forma clara e objetiva, percorrendo sobre o significado da palavra refugiado, pontos principais do tema e os acontecimentos relacionados, na intenção de compartilhar o assunto abordado com o público alvo

que tenha interesse em conhecer mais sobre a temática. O verbete, em questão, caracteriza-se por ser um texto acadêmico, mas que pode abranger pessoas interessadas de diferentes áreas.

Como mencionado, o verbete faz parte do Dicionário Crítico de Migrações Internacionais e pode ser encontrado em dois formatos: digital e impresso. Na versão digital, está disponível em algumas lojas virtuais, como a Amazon. Em alguns desses sites, é disponibilizado uma prévia do material para acessar as primeiras páginas do dicionário e também a versão *e-book*. O formato impresso está disponível em diferentes sites, incluindo o da editora.

4.2 FATORES INTRATEXTUAIS

Os fatores intratextuais são descritos por Nord (2016) como a organização do texto e responde aos seguintes questionamentos: a) Tema: do que o texto trata? b) Conteúdo: qual a informação ou conteúdo do texto?; c) Pressuposições: quais as pressuposições feitas pelo autor?; d) Estruturação: qual a estrutura do texto?; e) há elementos não verbais?; f). Léxico: quais as palavras utilizadas?; g) Sintaxe: como se organizam as orações?; h) Elementos suprasegmentais: qual tom do texto? (NORD, 2016). Nesta análise, apresenta-se a discussão de cada um desses elementos destacados.

O **tema** do texto-fonte é indicado no título do verbete: “Refúgio/Refugiado”. É possível identificar que em tal verbete serão explorados o significado de tais termos. Como o **conteúdo**, o texto traz a definição dos termos apontados no título, além de contextualizações e informações que extrapolam a definição, pois discorrem sobre os documentos e aspectos históricos que subsidiam os dados apresentados.

É perceptível que os autores principais construíram esse dicionário com o objetivo de proporcionar aos leitores conhecimento sobre o assunto de uma forma clara. **As pressuposições** trazidas pelos autores do verbete, observadas pela tradutora, é que os responsáveis procuraram trazer em seu texto, além de uma simples definição, acontecimentos que marcaram a vida dessas pessoas que precisaram sair de seus países. Questionamentos sobre quem são, o que aconteceram antes e depois, seus principais motivos e por fim, o que o mundo está

fazendo para mudar isso.

A **estrutura do texto** traduzido é do gênero textual verbete, que faz parte de um dicionário enciclopédico especializado da área de migrações. Segundo Pontes (2009, p.100),

“o verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada”.

Os gêneros textuais são os textos materializados do nosso cotidiano e “apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estílo e composição característica” (MARCUSHI, 2003). Dessa forma, o verbete apresentado para tradução nesta pesquisa possui a estrutura e composição inerente ao gênero textual pertencente, por meio uma organização textual a partir da entrada refúgio/refugiado. Em um primeiro momento, apresenta-se a definição, seguida por uma contextualização e exemplos. Os elementos não-verbais foram observados no texto traduzido. Uma das questões percebidas é a organização do texto em colunas e blocos, o que remete à estrutura do gênero textual verbete, mas caracteriza-se como uma das marcas visuais do texto.

Em seguida, na identificação do **léxico** do texto, percebe-se que as escolhas das palavras estavam relacionadas à área de migração. O léxico no texto-fonte é composto por termos da área jurídica. Mesmo entendendo que os termos técnicos utilizados pelos autores são direcionados ao público acadêmico, percebe-se que essas escolhas são necessárias e direcionadas para o entendimento do tema. Alguns dos termos encontrados no texto são: Convenção de 1951 Relativa ao Estatuto, Artigo, Estado Signatário, Regime Jurídico, Assembleia Geral, ONU, ACNUR, Protocolo Adicional de 1967, OUA, Declaração de Cartagena, CIDH, Legislações Domésticas, Lei e Iniciativa Nansen.

Em relação à **sintaxe** no texto, a tradutora observou alguns aspectos de acordo com as questões propostas por Nord (2016, p. 211-212) para análise no texto:

1. As orações são curtas ou longas, coordenadas ou subordinadas? Como estão ligadas umas às outras? 2. Que tipos de oração ocorrem no texto? 3. A ordem dos constituintes da oração corresponde à estrutura tema-remata? Existem estruturas de focalização ou desvios da ordem

padrão? 4. Existe algum relevo no texto? 5. Existem figuras sintáticas retóricas, como paralelismos, quiasmos, perguntas retóricas, parênteses, orações inacabadas, elipses etc.? Qual a função delas no texto? 6. Existem características sintáticas determinadas por convenções de gênero ou pelo meio, em função da sua orientação ao público leitor? O skopos da tradução requer alguma adaptação nesse sentido?

Conforma a autora acima, analisei cada questão dentro do texto e se tratando de um verbete, o texto traduzido possui uma estrutura diferente dos textos acadêmicos. Quando pensamos em um dicionário, temos uma estrutura em mente (entrada, definição e assim por diante). Logo, a organização do texto nesse material traduzido procurou trazer essa mesma linha de raciocínio. Ou seja, o modo como foi organizado tinha como principal objetivo que o leitor sentisse mais familiaridade com a estrutura de um dicionário em si. Nord (2016) apresenta elementos linguísticos que devem ser observados de forma cuidadosa durante a tradução, a fim de compreender melhor como produzir essa familiaridade no processo tradutório. Dito de outro modo, considerar esses elementos linguísticos como parte da sintaxe do verbete e atender tais elementos na tradução, nos parece fundamental, na perspectiva apontada por Nord (2016).

(...) analisar o tipo e a média de orações, como por exemplo: afirmações, perguntas, exclamações, como também observar as construções que substituem orações, a distribuição das orações principais e subordinadas e sua inclusão no texto, e a conexão das orações por conectivos, tais como conjunções, advérbios de tempo, substituições e entre outros. Onde os principais autores, construíram seu texto, trazendo essas informações em uma organização, que fizesse que o leitor compreende o conteúdo e ao mesmo se questionasse despertando ainda mais o interesse. Como em alguns momentos existe informações em parênteses para complementar aquele termo que está sendo destacado, também em alguns momentos que os autores utilizam conjunções com o objetivo de que facilite a sua leitura, da forma, que o público-alvo se sinta “à vontade”. (NORD, 2016, p. 209)

Por último, as **características suprasegmentais**, de acordo com Nord (2016, p. 212) são “todos os aspectos da sua organização textual que se sobreponham às fronteiras da análise de segmentos lexicais ou sintáticos, frases e parágrafos, e que formem a ‘configuração’ fonológica ou o ‘tom’ específico de um texto. Em um texto escrito como é o caso do texto- fonte utilizado para a tradução, essas características são identificadas por meios visuais, como: itálicos, espaços, negritos, aspas, travessões, parênteses e entre outros, e é possível observar tais características no texto, como: palavras em itálicos, parênteses sendo utilizado

para complementar algumas informações e também aspas.

5.2 TRADUÇÃO COMENTADA

Neste capítulo, é possível observar alguns trechos do verbete traduzido por mim, com explicações do processo de tradução do texto, com destaque para as dificuldades enfrentadas e estratégias realizadas para solucionar os problemas encontrados, com base que em alguns teóricos do referencial. Nesta seção, apresenta-se também as mudanças que aconteceram da primeira versão para a segunda, embasando-se nas questões respondidas pelo consultor surdo.


5.1 ETAPA I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TEXTO TRADUZIDO


Esta primeira etapa da tradução comentada apresenta as primeiras considerações realizadas, especificamente, relacionadas aos aspectos linguísticos, sendo: termos técnicos e a variação de sinais em Libras. A seguir, são apresentados os comentários destacando as principais dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas para resolver.

5.1.1 TERMOS TÉCNICOS (LEIS, NOMES, CIDADES...)

Por se tratar de um verbete de muita referência, há muitos termos técnicos, incluindo: leis, artigos, nomes específicos de documentos e afins. Ao iniciar o processo de tradução, eu, como tradutora, encontrei meu primeiro obstáculo de tradução que foi sobre um nome específico do texto, o qual pode ser observado abaixo:

Quadro 9 - Trecho 01

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
“ <i>Convenção de 1951</i> ”	Versão 01 “DOCUMENTO CONJUNTO ACORDO ANO 1951”	Versão 01: 

	<p style="text-align: center;">Versão 02</p> <p>TEM DOCUMENTO ANO 1951 NOME (soletra) [CONVENÇÃO]</p>	<p style="text-align: center;">Versão 02:</p> 
--	---	---

Fonte: Elaborada pela autora

COMENTÁRIOS:

Primeiramente, para organização da análise utilizou-se o QR CODE. De acordo com o *site* Dalamura (2018) é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera e um aplicativo que faça esta leitura., como mostra o quadro acima, a fim de facilitar o leitor de acessar rapidamente o conteúdo traduzido. Em seguida, a partir desse primeiro termo encontrado, surgiram várias dúvidas de como traduzir para a língua-alvo. Para compreender do que se tratava, foi feita uma pesquisa sobre o que foi ou o que é a Convenção de 1951 e também sobre o significado da palavra “convenção” e os sinônimos, na intenção de encontrar outro termo para substituí-lo, mas que trouxesse o mesmo significado. Na primeira versão realizada, acreditei que seria possível omitir esse termo, acreditando que não seria necessário trazê-lo para a língua- alvo. Porém, depois dos vídeos traduzidos serem revisados pelo consultor surdo e considerando as questões respondidas por ele, realizei uma segunda versão da tradução e procurou seguir todas as sugestões. Mesmo que não tenha sido comentado por ele sobre essa omissão no texto, nesse segundo momento, percebi que a tradução precisava conter esse termo, complementando a informação do texto-fonte.

Conforme Nord (2016), “o skopos da tradução exige a reprodução de todo o conteúdo, a menor omissão, contanto que não aconteça devido a uma pressuposição específica do receptor do TA, será um erro de tradução”. Assim, na segunda versão, trouxe alguns elementos e outros foram desconsiderados, como mostra no quadro acima. Seguindo Nord (2016), a tradução precisa conter todas as informações necessárias para compreensão na outra língua, omitir informações necessárias pode causar falta no texto alvo e não ficar claro para o público alvo do que se trata. Nesse sentido, incluiu-se na tradução, a soletração “CONVENÇÃO”.

Dessa forma, contendo a informação do que significa e o termo em si, proporciona-se uma maior compreensão do assunto. No próximo trecho, irei discutir sobre outro termo técnico que me trouxe diversas reflexões sobre como traduzir.

Quadro 10 - Trecho 02

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
“Limitação Temporal”	Versão 01 (soletra) LIMITAÇÃO TEMPORAL	Versão 01 
	Versão 02 PROIBE ALTERA NORMAS ACORDO – APONTA- MOMENTO (legenda) [limitação temporal]	Versão 02 

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:

O segundo termo com mais dificuldade para a tradução foi “Limitação Temporal”. Primeiramente, realizou-se pesquisas para compreender o conceito e entender o seu significado no contexto apresentado. O assunto tratado tem relação com a temática abordada no verbete e os acontecimentos que envolvem essas pessoas, sendo algo fundamental para compreender ainda mais o tema do texto. Na primeira versão realizada, acreditei ser necessário apenas a soletração do termo, pois acreditava ser suficiente para compreensão na língua-alvo, mas considerando que são termos técnicos e de uma difícil compreensão para quem não é da área,


percebi que seria necessário mais algumas informações para complementar o conteúdo e facilitar a compreensão do público alvo.


Dessa forma, na realização da segunda versão com base nesses pontos explanados, se deu a inserção do termo na tradução do texto, através da legenda do termo e de uma breve explicação do que se trata. Procurando fazer uma transferência com explicação, diferente da versão anterior que foi incluída apenas a soletração, a explicação com legenda nesse momento pareceu ser o mais indicado. Sendo assim, inseriu-se na segunda versão a seguinte tradução: “PROIBE ALTERA NORMAS ACORDO –APONTA- MOMENTO” e legenda: [limitação temporal]”. Conforme Nord (2016, p. 69):

“o texto alvo representa uma “oferta de informação” sobre a oferta de informação fornecida pelo texto fonte. Ou, para ser mais preciso, o tradutor oferece informações sobre determinados aspectos do TF-em-situação, de acordo com o skopos do TA fixado pelo iniciador.”

Assim, com as sugestões do consultor surdo e seguindo essas orientações da autora, a tradutora seguiu essa linha de tradução e procurou trazer toda a informação necessária para o texto alvo e seu público. Na mesma linha do termo “Limitação Temporal”, o termo a seguir traz estratégias parecidas, como podemos ver no próximo quadro.

Quadro 11 - Trecho 03

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
“Limitação Geográfica”	Versão 01 (soletra) LIMITAÇÃO GEOGRÁFICA	Versão 01 

	Versão 02 ESCOLHA SOBRE O QUE POSSÍVEL LUGAR ECONOMIA APRESENTA PROCESSO (legenda) [limitação geográfica]	Versão 02 
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:

Seguindo a mesma lógica que o trecho anterior, onde foi tratado o termo “limitação temporal”, apresenta-se a discussão acerca do termo “limitação geográfica”. Este termo tem muita semelhança com o anterior e, por esse motivo, na primeira versão da tradução, seguiu a mesma estratégia de manter apenas a soletração do mesmo. Porém, por ser um termo desconhecido e difícil para quem não é da área, percebeu-se a necessidade de utilizar uma breve explicação e incluir a legenda do mesmo. Desse modo, na segunda versão, depois de algumas pesquisas feitas para compreender do que esse termo se trata, percebi que mesmo existindo semelhanças com o anterior, o significado não é o mesmo. A partir dessas pesquisas, segui essa linha de tradução para deixar o assunto tratado mais compreensivo.

Conforme Nord (2016, p. 69):

o “tradutor só precisa ter uma ideia geral sobre se o material fornecido pelo texto fonte é compatível (c) com as exigências do encargo. Já a segunda parte pode exigir uma análise detalhada e abrangente de todas as categorias do texto, concentrando-se a atenção sobre os elementos do texto que, segundo o skopos do TA, são de particular importância para a produção do texto alvo”.

Nesse sentido, no primeiro momento, foi analisado o termo de forma mais geral, onde de início não pareceu necessária uma explicação sobre o mesmo. Entretanto, na segunda versão, após releitura do texto e com as sugestões do consultor surdo, sentiu-se a necessidade de trazer todos os elementos explicativos ao texto alvo.

A seguir, apresento a análise do termo técnico “Regime Jurídico”, onde

irei descrever o processo de tradução abordando as minhas dificuldades e estratégias.

Quadro 12 - Trecho 04

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
“Regime Jurídico”	REGRA+JURÍDICO (legenda)[Regime Jurídico]	

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:

Até o presente momento, observou-se alguns termos que trouxeram desafios para mim, como tradutora. No entanto, este termo do trecho 04 foi o mais complexo de resolver, por ser um termo da área jurídica e ser muito específico dentro do texto. Na prática, isso trouxe muitos questionamentos tradutórios, sendo que a opção de omissão foi descartada em primeiro momento, em razão da sua extrema importância ao contexto, uma vez que omitir esse termo traria ao texto-alvo uma tradução sem a informação principal da unidade e assim não teria a compreensão do que se trata. Diante disso, buscou-se nos glossários e plataforma do *YouTube*, o sinal para esse termo em Libras e não foi encontrado. Através de consultas com colegas que atuam na área de tradução de interpretação, surgiu a sugestão de utilizar REGRA + JURIDICO para realizar a tradução. Por não encontrar sinais nas buscas realizadas, considerou-se o uso daqueles que atuam na área e que talvez seja a forma convencionada para se referir ao termo.

Dessa forma, com base em consultas de materiais e profissionais da área, a tradutora decidiu utilizar legenda novamente como uma forma de estratégia [regime jurídico] e produzir o sinal “Regra+Jurídico”. Assim, tornou-se possível trazer o termo ao texto de forma clara, onde o público alvo conseguirá compreender do que se trata. Nord (2016, p. 409-410):



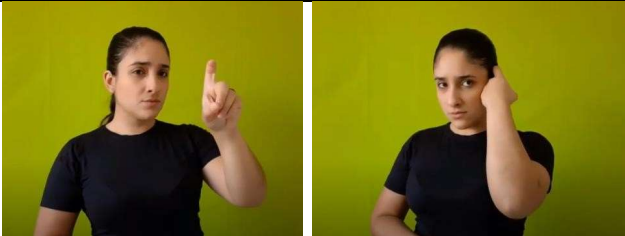



“é sobre a base de um conceito acional de textualidade que podemos considerar a tradução de um texto uma “ação” que oferece a possibilidade de o texto alvo cumprir determinadas funções para outro público em uma nova situação”.

Promover essa efetivação das funções que o texto-fonte quer para o texto alvo é essencial no processo tradutório. Chegamos ao fim, das análises dos termos técnicos, a seguir irei discutir sobre algumas variações encontradas no texto.

5.2.2 VARIAÇÃO DOS SINAIS

Durante as pesquisas realizadas na busca pelos sinais desconhecidos, deparou-se com as variações linguísticas e tornou-se necessário selecionar o sinal que melhor se adequaria ao contexto.

Quadro 13 - Trecho 05 "MÉXICO"

1ª versão		
		
2ª versão		
		
3ª versão		
		

Fonte: Elaborado pela autora



COMENTÁRIOS:

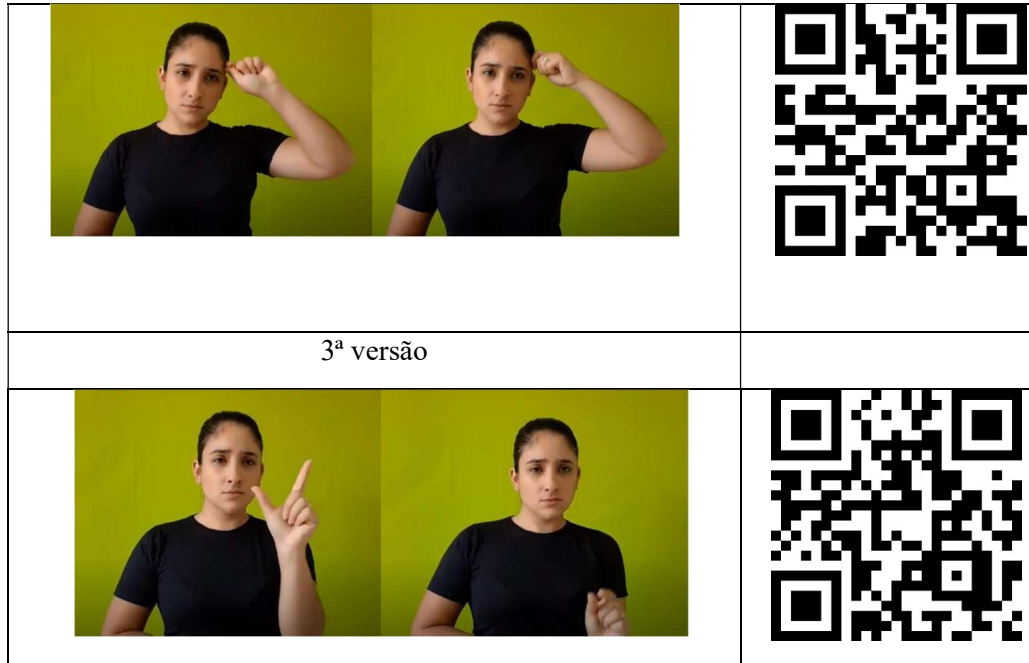
O sinal de “México” foi um dos sinais desconhecidos por mim. Sendo assim, buscou-se no glossário e em vídeos *YouTube*, o sinal utilizado para México. Nos vídeos do *Youtube* foram identificados alguns sinais para se referir a esse determinado país, os quais podem ser relacionados às diferentes regiões, uma vez que os vídeos encontrados são de locais distintos. Conforme Stumpf e Quadros (2018, p. 113):

“Investigar o uso de uma língua é também investigar a enorme variação linguística que decorre do seu uso particular (cada indivíduo tem uma forma peculiar de apropriar-se e de utilizar-se da língua), bem como do uso coletivo, social dessa língua. Como o uso difere na dimensão individual e na dimensão coletiva, muitos são os fatores que influenciam nas mudanças e variações observáveis em uma língua viva: classe social, faixa etária dos usuários (crianças, jovens, idosos), gênero, o contexto social de uso da língua, religião, minorias, entre outros”.

Entende-se que as diferentes formas de registro são inerentes às línguas naturais e, em um processo de tradução, é fundamental realizar a escolha do sinal que melhor contemple o contexto de circulação do material traduzido ou que seja mais amplamente divulgado. Nesse sentido, realizou-se uma análise para escolher o sinal a ser utilizado no texto-alvo, com base nas variações encontradas em diferentes meios, especialmente, os digitais, optou-se pelos sinais mais utilizados em materiais produzidos em Santa Catarina. A seguir iremos observar outra variação destacada durante o processo de tradução.

Quadro 14 - Trecho 06 "ÁFRICA"

1ª versão		
		
2ª versão		



Fonte: Elaborado pela autora

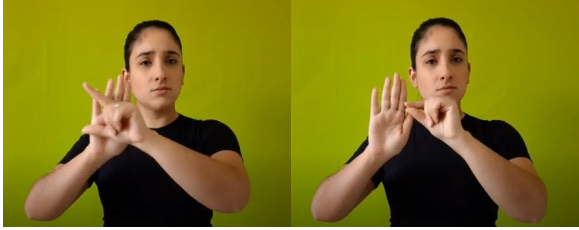



COMENTÁRIOS:

O sinal de África também foi um dos pesquisados por mim. Por não o conhecer, realizou-se uma pesquisa nas ferramentas de busca mencionadas anteriormente e foram observados três sinais diferentes referente ao termo. A partir desse levantamento, realizou-se a análise de cada sinal para ver qual contemplava melhor o tema traduzido. A ordem apresentada na figura abaixo representa a sequência de sinais encontrada por mim. A primeira delas foi a escolhida para utilizar na tradução, após pesquisas e discussões com colegas de classe e profissionais da área. Essa busca foi realizada com o intuito de ver quais daqueles sinais eram conhecidos e mais utilizados na região da Grande Florianópolis. Antes de decidir o sinal a ser usado, fiquei em dúvida entre a primeira e terceira variação dos sinais apresentados na tabela, pois acreditava que ambos seriam adequados para o texto. No entanto, como critério de sua escolha, optei pelo sinal mais conhecido em nossa região, consultando colegas da área, procurando saber qual era mais usado na região de Florianópolis, pois fiquei com receio de procurar alguma fonte na internet que não fosse confiável.

A segunda variação encontrada, em um primeiro momento, foi descartada por se confundir com sinal de “preto” e não ficar claro para o público alvo o que o

sinal indica, que na verdade é “África”. Por esse motivo, não considerei utilizar esse sinal, porém, trouxe aqui em meu trabalho para mostrar a existência do sinal para o termo tratado. Acredita-se que pode haver também outras variações, as quais não foram identificadas neste estudo. Stumpf e Quadros (2018, p. 114) afirmam que as variações linguísticas são comuns em todas as línguas e surgem quando os seus usuários “entram em contato com outras formas de sinalização e fazem com que o repertório de sinais fique mais diversificado. Como observamos na Língua Portuguesa, as variedades que existem entre as regiões também são encontradas na Língua Brasileira de Sinais.

Quadro 15 - Trecho 07 "ARTIGO"

1ª versão	
	
2ª versão	
	

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:

O termo “artigo” foi um dos que exigiu a pesquisa da tradutora, isso porque, no português, Artigo (Acadêmico) e Artigo (de Legislação) são palavras homônimas em português, isto é, possuem a mesma grafia e som, mas seus significados são diferentes. Nesse sentido, por ser uma homonímia em português pode influenciar a escolha lexical em Libras, uma vez que, ao realizar a busca pelo termo em Libras, encontra-se as duas possibilidades. Na Língua Brasileira de Sinais, tais palavras não são homônimas.

No texto traduzido, “artigo” se referia aos termos jurídicos, porém, trago o segundo sinal existente para podermos observar essa diferença entre os dois sinais. Eu conhecia o segundo sinal encontrado na busca pela palavra artigo, pois esse sinal é utilizado dentro da universidade para se referir a artigos acadêmicos e afins. Na pesquisa do sinal utilizado para artigos de documentos oficiais encontramos o sinal apresentado no quadro acima. Ele é apresentado em um vídeo encontrado na plataforma digital “*Youtube*” e utilizado na área jurídica.

Dessa forma, a escolha desse termo foi diante dessas reflexões, uma vez para quem não conhece os diferentes significados pode parecer uma variação do mesmo sinal. No entanto, o primeiro sinal de “artigo” se refere aos textos acadêmicos e o segundo é relacionado ao artigo de leis e significa a unidade básica de uma legislação. Nesse sentido, é preciso compreender eses aspectos para realizar de forma adequada as escolhas lexicais. Na próxima etapa, irei trazer em destaque, a estrutura sintática que foi abordada pelo consultor surdo durante a revisão.

5.2 ETAPA II – CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TEXTO TRADUZIDO

Nesta segunda e última etapa, apresenta-se alguns desafios na tradução, aspectos levantados pelo consultor surdo acerca da estrutura da sinalização e a relação com o texto original. O consultor Saulo, surdo, pesquisador e professor, nos proporcionou uma visão do público alvo que queremos atingir. Em sua avaliação da primeira versão, o referido consultor afirmou que conseguiu compreender o que estava sendo apresentado na tradução, mas apresentou algumas sugestões de melhoria. Sendo assim, na segunda versão realizada, a tradutora procurou observar com mais atenção a estrutura sintática da sinalização e, assim, garantir uma melhor tradução do texto.

5.2.1 INVERSÃO SINTÁTICA

A estrutura sintática do gênero textual verbete possui suas especificidades e se difere de outros textos acadêmicos, pois possuem o objetivo de apresentar informações necessárias com o objetivo de proporcionar a compreensão da

definição de refúgio/refugiado (a). Diante disso, a tradutora iniciou seu processo de tradução com a preocupação em trazer aquilo detalhado no verbete, o que a fez, em um primeiro momento, desenvolver uma tradução com estrutura similar do texto-fonte. Podemos observar início do processo de tradução, quais foram as primeiras escolhas da tradutora:

Quadro 16 - Trecho 08

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
3. “REFÚGIO/REFUGIAD O(A) <i>Andrés Ramirez²</i> <i>Thais Guedes A. de Moraes²”</i>	Versão1 REFÚGIO/REFUGIADO (soletra+sinal[refugiado]) BATEMÃO+ESCREVE(AU TOR) BOIA: 1- ANDRÉS RAMIREZ 2- THAIS GUEDES ALCOFORADO MORAES	Versão1 
	Versão2 DICIONÁRIO VERBETE SOBRE REFÚGIO/REFUG IADO (soletra+sinal[refugiado]) BATEMÃO+ESCREVE(AU TOR) BOIA: 1- ANDRÉS RAMIREZ 2- THAIS GUEDES ALCOFORADO MORAES	Versão2 

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:

Neste primeiro bloco traduzido, procurou-se, na primeira versão, trazer para a língua-alvo as informações principais, sendo direta sobre a informação, por

acreditar ser a melhor estratégia. O tradutor pode escolher por ser objeto ou não em sua tradução, porém, é necessário sempre trazer a informação para a língua-alvo da forma mais clara. Com isso, na segunda versão, depois das revisões realizadas pelo consultor surdo, surgiu a seguinte constatação do professor: *“Essa tradução me parece um pouco de dependência da estrutura do português, mas depois muda alguma forma da estrutura da ordem”*. À vista disso, a segunda versão foi realizada e buscou-se maior atenção à estrutura sintática da tradução.

Neste primeiro exemplo apresentado, é possível perceber que não foram muitas mudanças, no entanto, a questão levantada pelo consultor fez com que o texto fosse revisado e, assim percebeu-se a falta de informação em algumas partes. Nord (2016, p.179) traz uma questão que se encaixa perfeitamente sobre essa escolha feita, onde diz que:

“o papel que o princípio e o fim do texto desempenham para sua compreensão e interpretação determina que esse aspecto deverá ser analisado detalhadamente, a fim de se descobrir o modo como orienta o processo de recepção e influencia o efeito do texto como um todo”.

O entendimento de uma tradução para a língua-alvo é trazer todas as informações relevantes do texto-fonte, e também se necessário para compreensão do texto, trazer informações que sirva para complementar. Assim, observamos na segunda versão, a importância de trazer a informação de que se trata de um verbete antes de sinalizar “REFÚGIO/REFUGIADO (A)” pode proporcionar clareza sobre o que se trata. Depois de analisar essa primeira estrutura que foi destacada do texto, apresento, a seguir, uma estrutura que observei ser uma das questões trazidas pelo o consultor, assim sendo escolhida para essa discussão.

Quadro 17 - Trecho 09

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
----------	----------	-------

<p><i>“A definição clássica de refugiado(a) pode ser encontrada na Convenção de 1951 Relativa ao Estatuto dos Refugiados. O art. 1, C, da mencionada Convenção dispõe que o termo refugiado (a) se aplicará a qualquer pessoa:”</i></p>	<p>Versão 01:</p> <p>SIGNIFICADO MAIS CONHECIDO -APONTA- REFUGIADO POSSÍVEL ENCONTRAR DOCUMENTO CONJUNTO ACORDO ANO 1951, RELAÇÃO ESTATUTO REFUGIADO. ARTIGO 1 EXISTE DENTRO DOCUMENTO – APONTA- EXPLICA PALAVRA SIGNIFICADO REFUGIADO RELAÇÃO TER QUALQUER PESSOA, O QUE?</p>	<p>Versão 01:</p> 
	<p>Versão 02:</p> <p>ENCONTRA DOCUMENTO ACORDO ANO 1951 NOME [CONVENÇÃO] RELAÇÃO ESTATUTO REFUGIADO SIGNIFICADO BASE SOBRE REFUGIADO. NESSE DOCUMENTO ARTIGO 1 DESCREVE SOBRE SIGNIFICADO PALAVRA REFUGIADO QUALQUER PESSOA PODE (APLICAR) USAR O QUE DESCREVE, SE:</p>	<p>Versão 02:</p> 

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:


Analisando o trecho apresentado acima, observamos que na primeira versão me atentei em trazer ao texto alvo uma estrutura onde conseguisse expressar-me com clareza. Entretanto, podemos observar que está muito dependente da estrutura da língua do texto fonte e isso foi observado também pelo consultor. Na intenção de seguir as orientações do surdo consultado, procurou-se seguir na sua segunda versão, uma estrutura diferente da primeira, seguindo as sugestões do consultor sobre a estrutura em libras.


Ao longo da tradução, buscou-se atenção aos detalhes das informações principais que os autores trouxeram, mantendo a informação de forma clara e objetiva para que o público continuasse compreendendo o conteúdo e que ficasse mais próximo possível da estrutura da língua alvo. Como sou uma tradutora-aprendiz, ouvinte, ainda em processo de formação e com pouca experiência na área, tive um pouco de dificuldade em alguns blocos, onde foi preciso reorganizar a estrutura, por receio de omitir alguma informação ou não conseguir ser clara na forma que foi na primeira versão. Essa preocupação se dá por ser um conteúdo novo à “comunidade surda” e pretende-se trazer cada informação para facilitar a compreensão. Foi nessa linha de pensamento que Nord (2016, p. 174) afirma que:

“ Se o TF estiver ‘ancorado’ no mundo da cultura fonte, alguma informação sobre a CF será naturalmente pressuposta no texto em virtude da “máxima de relevância”, como se diria em termos griceanos. Se, por outro lado, o TF referir-se à cultura do receptor do TA, que não é familiar ao receptor do TF, espera-se que o produtor do TF verbalize algumas informações para que esse receptor compreenda o texto. Essas informações verbalizadas seriam, portanto, irrelevantes ao receptor do TA que já as conheça”.

A seguir, apresenta-se o último trecho a ser discutido nesta análise, escolhido com a mesma justificativa do anterior, o fato de ser abordado pelo consultor na revisão.

Quadro 18 - Trecho 10

ORIGINAL	TRADUÇÃO	VÍDEO
<p><i>“Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode, ou em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a</i></p>	<p>Versão 01:</p> <p>SOBRE O QUE ACONTECEU ANTES 1 JANEIRO ANO 1951, MEDO SEGUE VÁRIOS RAÇA, RELIGIÃO, ONDE NASCEU, GRUPO SOCIAL OU OPINIÕES POLÍTICAS, ENCONTRA – APONTA- PESSOA FORA PAÍS ONDE NASCEU PORQUE EXISTE ESSE MEDO, ESCOLHE VIVER PAÍS NÃO É PAÍS NASCEU, PORQUE ACONTECEU COISAS ANTES, NÃO PODE OU MEDO TEM, NÃO QUER VOLTAR.</p>	<p>Versão 01:</p> 

ele.”		
	<p>Versão 02:</p> <p>ANTES 1 JANEIRO ANO 1951, ACONTECEU COISAS SENSACÃO MEDO PESSOAS, POR CAUSA RAÇA, RELIGIÃO, NACIONALIDADE, GRUPO SOCIAL OU OPINIÕES POLÍTICAS, PRESENTE NÃO SEU PAÍS PORQUE MEDO DISSO, POR ISSO ESCOLHER VIVER PAÍS OUTRO, COISAS ACONTECEU ANTES, NÃO QUER VOLTAR PAÍS SEU DE NOVO, PORQUE NÃO PODE OU PORQUE MEDO TEM.</p>	<p>Versão 02:</p> 

Fonte: Elaborado pela autora

COMENTÁRIOS:

Seguindo a mesma linha de pensamento e das estratégias com as versões anteriores, realizou-se na primeira versão, a produção com uma estrutura da língua alvo, mas que teve uma estrutura similar com da sua primeira língua. O português, porém, nesse bloco, pareceu diferente dos anteriores. A primeira versão apresenta uma organização de estrutura bem clara tendo como visão o público alvo, contém as informações importantes e de início não tem muito familiaridade com a estrutura do texto fonte. Além da preocupação com a estrutura, alguns termos nesse bloco apresentaram dificuldade, pois precisava trazer para tradução, algumas informações que necessitavam ser bem detalhadas para o público alvo.

Com isso, Nord (2016) explica que os aspectos da estrutura sintática, como a ordem dos componentes da oração e a conexão das frases são fundamentais no

processo tradutório. As escolhas de palavras e sinônimos que se encaixassem perfeitamente com o texto alvo era importante. Na primeira versão, podemos observar que a tradução feita para “*temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas*” foi “MEDO SEGUE MOTIVO RAÇA, RELIGIÃO, ONDE NASCEU, GRUPO SOCIAL OU OPINIÕES POLÍTICAS” e na segunda versão, foi “MEDO PESSOAS, POR CAUSA RAÇA, RELIGIÃO, NACIONALIDADE, GRUPO SOCIAL OU OPINIÕES POLÍTICAS”.

É possível observar, que na primeira tradução foi utilizado para representar que as pessoas possuíam medo de ser perseguida, os termos “MEDO” “SEGUE” “MOTIVO”. Porém, depois na organização da estrutura, realizei uma mudança em alguns termos para indicar claramente do que se trata. Assim, na segunda tradução, foi utilizado os termos, “MEDO” “PESSOAS” “POR CAUSA”. Essas escolhas, na segunda versão, mostrou mais clareza sobre o conteúdo que o texto fonte trata, pois quando temos uma segunda pessoa revisando, dando *feedback*, apontando onde precisamos arrumar, conseguimos de alguma forma ter esse olhar novo sobre o texto, assim compreendendo ainda mais sobre o assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim desta pesquisa, é possível observar cada etapa percorrida em seu desenvolvimento. Conforme exposto ao longo do texto, trata-se de um assunto novo e pouco explorado na área da língua de sinais e com poucos materiais traduzidos abordando essa temática. Porém, é necessário incentivar mais pessoas a produzirem traduções de Português/Libras nos mais diversos campos de atuação, proporcionando cada vez mais acessibilidade à comunidade surda de todos os lugares. Ao realizar esse trabalho, o profissional tradutor- intérprete se vê diante de novos conhecimentos, nesse caso, podendo conhecer sobre a história dos imigrantes e conhecer um pouco das dificuldades que enfrentadas, mas também, aprender sobre as diferentes instituições e projetos que recebem essas pessoas e as ajudam.

Esse verbete mostrou um pouco sobre quem são essas pessoas e algumas leis ou decretos que existem para dar-lhes mais garantias e oportunidades. No início deste trabalho, conhecemos algumas instituições que possuem equipes que trabalham em tudo que é necessário, sendo alguns deles: IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos, CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados e ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, os quais desenvolvem projetos variados, dentre eles, a atuação dos intérpretes que auxiliam no primeiro contato dessas pessoas nesses países novos com destaque para as dificuldades que muitos enfrentam com a falta de prática na área e cursos especializados para preparar para o trabalho. Além de conhecer mais sobre o assunto, esse estudo mostrou um caminho de oportunidades, onde a pesquisadora teve um olhar diferente sobre a tradução/interpretação comunitária, despertando o interesse de após concluir sua formação, se especializar nessa esfera e assim conseguir desenvolver cada vez mais trabalhos como esse.

A importância de existir materiais traduzidos para Libras, especialmente nessa temática, é indiscutível. Conseguir proporcionar aos surdos acesso às informações e, assim, conseguirem conhecer mais sobre o assunto e de certa forma também alcançar o interesse de outros tradutores e incentivar a realização de outras traduções, certamente é um dos desdobramentos dessa pesquisa. Todo processo realizado para chegar na tradução final mostrou para mim o quão difícil é esse

trabalho, mas ter como apoio o modelo de tradução de Nord, foi essencial para ter clareza do que era preciso fazer e assim conseguir realizar todos os passos de uma forma mais organizada. Também ter conhecimento do texto fonte e sobre o público alvo facilitou isso e algumas escolhas feitas por mim, além da consultoria do profissional surdo. Através dele foi possível ter esse olhar de uma pessoa da comunidade surda, com formação na área e que muito contribuiu para a finalização dessa pesquisa.

O objetivo geral, no início deste estudo, era realizar uma tradução comentada do verbete sobre refúgio/Refugiado e, especificamente: analisar as decisões tomadas referentes aos procedimentos tradutórios necessários para a realização da pesquisa e discutir os desafios (linguísticos, tradutórios e estéticos) enfrentados na tradução da temática. A realização dessa tradução comentada do verbete foi um grande desafio para mim, por ser tratar de um assunto tão importante. Em um primeiro, surgiu a insegurança e o medo de conseguir trazer todas as informações do texto alvo, mas ao fim, senti a satisfação do trabalho concluído e a vontade de realizar mais traduções. Por ser uma primeira tradução, estou ciente que é preciso melhorar ainda mais o material traduzido e tenho como intenção, futuramente, aprimorá-lo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. J. P; BENTES, T. Contatos Linguísticos E Bilinguismo Uni E Bimodal Entre A Libras E A Lsv Em Roraima. *Letra Magna*, 2018
- ALBRES, N. A.. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. *REVISTA ELETRÔNICA ARATICUM*, v. 1, p. 70-90, 2020.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5ed. São Paulo. Ática, 2007.
- BOHUNOVSKY, R. (IM)POSSIBILIDADE DA "INVISIBILIDADE" DO TRADUTOR E DA SUA ..FIDELIDADE,,; POR UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DE TRADUÇÃO, UNICAMP, 2001.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 2004.
- BARTHOLAMEI, L. A.; VASCONCELLOS, M. L.. *Texto base da disciplina Estudos da Tradução I*. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2008.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa: Experiências de tradução*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007
- BOHUNOVSKY, R. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. UNICAMP.
- CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 2004
- CAVALCANTI, L; BOTEGA, T; ARAÚJO, D; TONHATI, T. *Dicionário Crítico de Migrações Internacionais*, Editora UnB, 2017.
- CRUZ, A; ALEIXO, F. *Roraima entre línguas : contatos linguísticos no universo da tríplice fronteira do extremo-norte brasileiro – Boa Vista : Editora da UFRR*, 2020.
- DALAMURA, M. *QRCORDE: Saiba o que é e como funciona o código*. Acesa, 2018
- DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005
- FREITAS, D. B. A. P. *A construção do sujeito nas narrativas orais*. *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, 2007.
- GENEBRA, A. E. *Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto*. ACNUR, 2015

GESSER, A. . Tradução e Interpretação da Libras II . Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

GUERINI, A. Texto base da disciplina Introdução aos Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2008.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo, Editora

Atlas, 2002. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.’

MITTMANN, Solange. Notas do Tradutor e Processo Tradutório: Análise e Reflexão sob uma Perspectiva Discursiva. Editora da UFRGS: Porto Alegre, 2003.

NORD, Christiane. Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática.2016

OTTONI, P. R. A TRADUÇÃO É DESDE SEMPRE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE TEORIA E HISTÓRIA DA TRADUÇÃO. Alfa, São Paulo. 1997

PONTES, Antônio Luciano. Dicionário para Uso Escolar: o que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009

PROACOLHER. Português como Língua de Acolhimento. UnB, 2013.

QUADROS, R. M. (2004). O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial/Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP.

RODRIGUES, C. Da Interpretação Comunitária À Interpretação De Conferência: Desafios Para Formação De Intérpretes De Língua De Sinais. Florianópolis, 2010.

RODRIGUES, C. BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? Cadernos de Tradução, Santa Catarina, 2015.

RODRIGUES, C. SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas, Florianópolis, 2017.

ROSA, A. S. A (Im)possibilidade Da Fidelidade Na Interpretação Da Língua Brasileira De Sinais. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.123-135, jun. 2006

RIGO, Natália Schleder. Tradução de libras para português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 458-478, out. 2015.

SANTIAGO, V. A. A.. Português e libras em diálogo: Os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In.: ALBRES, N. A.; SANTIAGO; V. A. A. (Orgs.). Libras em estudo: tradução/interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012.

SEGALA, R. R. TRADUÇÃO INTERMODAL E INTERSEMIÓTICA/INTERLINGUAL: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais, UFSC, 2010.

STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller de. Estudos da Língua Brasileira de Sinais. Editora Insular, Florianópolis, 2018.

STROBEL, Karin. As imagens do sobre a Cultura Surda. Florianópolis: UFSC, 2008

TUFANO, D. Que é um verbete?. Livraria Brasil, 2006

VAZ, C. P. Educação De Surdos Na Fronteira De Santana Do Livramento (Brasil) E Rivera (Uruguai), Porto Alegre, 2017.

ZAVAGLIA, A; RENARD, C. M. C; ZANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção, Aletria, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015

ANEXOS

Tradução em Libras Completa : <https://youtu.be/GBzSLHICVGE>

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, SAULO ZULMAR VIEIRA, autorizo que meu nome seja divulgado e que participei como consultor surdo do TCC intitulado TRADUÇÃO COMENTADA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DO VERBETE REFÚGIO/REFUGIADO (A) DO DICIONÁRIO CRÍTICO DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS de autoria de Danielle Crescencio Neves, orientado pela Profa. Dra. Silvana Aguiar dos Santos. As informações serão de uso exclusivo desta disciplina não autorizada para outros fins acadêmicos além deste trabalho.



Assinatura:

Florianópolis, 14 de dezembro de 2020.